

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**“De olho na tela”: um estudo sobre o acesso à televisão e utilização da
Internet por jovens, alunos do curso de Pedagogia**

Haline Tavares dos Santos

Rio de Janeiro

2007

Haline Tavares dos Santos

**“De olho na tela”: um estudo sobre o acesso à televisão e utilização da
Internet por jovens, alunos do curso de Pedagogia**

ORIENTADORA: Lúcia de Mello e Souza Lehmann

**Monografia apresentada à
Escola de Educação como
requisito para a obtenção
do grau de Licenciatura e
Bacharel em Pedagogia**

Rio de Janeiro

2007

Haline Tavares dos Santos

“De olho na tela”: um estudo sobre o acesso à televisão e utilização da Internet por jovens, alunos do curso de Pedagogia

**Monografia apresentada à
Escola de Educação como
requisito para a obtenção
do grau de Licenciatura e
Bacharel em Pedagogia**

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

**Prof.^a Lúcia de Mello e Souza Lehmann – Orientadora
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**

**Prof.^a Guaracira Gouvêa de Sousa
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**

**Prof.^a Janaína Menezes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me guiou até o curso de Pedagogia. Em segundo lugar, à minha família, que despertou em mim o interesse pelos estudos e, por fim, à minha orientadora Lúcia Lehmann por me introduzir no meio científico através da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A minha família por ter sonhado com o momento da minha formatura e estado sempre ao meu lado no momento de minhas dúvidas e aflições. Agradeço por todas as vezes que desanimei e vocês me deram forças para superar as dificuldades. Não poderia esquecer de Deus, que fez com que eu me inscrevesse no vestibular da UNIRIO por engano, achando que teria o curso de Jornalismo e feito a prova para Pedagogia e passado. Obrigada por me ajudar a realizar um grande desejo que é o de desenvolver estudos de iniciação científica, que contribuiu muito na minha formação. Essa evolução, por sua vez, não seria possível sem o apoio da minha orientadora Lúcia Lehmann, que já tem lugar cativo como referência na minha vida. Quando eu lembrar da figura do mestre mais importante da minha trajetória, lembrarei dela. Agradeço também a todo corpo docente do curso de Pedagogia da UNIRIO por confirmar o meu destino, fazendo com que eu me apaixonasse pelo curso e fosse até o fim. Estou prestes a me tornar uma pedagoga e não só amo a minha profissão como tenho consciência da importância da educação e de seu poder, como instrumento de transformação social. Muito obrigada aos professores por me capacitarem para alfabetizar um ser humano e poder fazer um novo mundo se apresentar a ele através do ensino. Isso não tem preço. Obrigada pelas noções de Psicologia, que me possibilitaram detectar problemas e poder ajudar ao outro e, em especial, pelas disciplinas envolvendo educação e mídia, onde eu podia desfrutar das minhas duas paixões.

RESUMO

A monografia “De olho na tela”: um estudo sobre o acesso à televisão e utilização da Internet por jovens, alunos do curso de Pedagogia buscou mapear e analisar o acesso e utilização dos alunos do curso às mídias, de forma mais específica, à televisão e à internet, bem como investigar como se inserem no fenômeno de publicização da vida privada. O trabalho surge a partir de um estudo onde foram realizados levantamento bibliográfico, questionários com os jovens, entrevistas, observação participante. Os resultados obtidos apontam para o grande interesse dos jovens pela mídia, um aumento do número de práticas que desenvolvem utilizando a mesma. Merece destaque a função interatividade que a *internet* fomenta entre os jovens, que compartilham pensamentos, tarefas, informações e aspectos de suas vidas privadas e relacionamentos afetivos. Valorizam a televisão e a internet como entretenimento, forma de adquirir conhecimento e por serem práticas. Reconhecendo a importância das tecnologias e das mídias para os jovens, este trabalho enfatiza a importância deste conhecimento para a escola, visto a sua responsabilidade e compromisso com as questões sociais e culturais da sociedade. Busca com este conhecimento possibilitar uma futura aplicação de seus resultados na educação, a fim de enriquecer a prática pedagógica

Palavras – Chaves: Mídia, Educação, Jovens.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Folha 9

- 1- Código de barras
- 2- Caixa Elerônico
- 3- 3- Cartões
- 4- Celular
- 5- Computado
- 6- Google
- 7- Orkut
- 8- Messenger
- 9- Televisão

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Unirio – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

DVD – Digital Vídeo Disc

ARPAnet- Advanced Research Projects Agency

HTML- Hypertext Markup Language

CD-ROM- Compact Disc- Read Only Memoru

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Local de acesso a internet 1

Gráfico 2- Local de acesso a internet 2

Gráfico3- Tipo de acesso

Gráfico 4-Tempo de Acesso Semanal

Gráfico 5- Práticas Jovens na internet

Gráfico 6- Número de moradores por Residência

Gráfico 7- Número de Televisores por Residência

Gráfico 8- Acesso a TV a Cabo

Gráfico 9- Tipo de Canais Assistidos

Gráfico 10- Relação entre Moradores e TV

Gráfico 11 -Relação entre Hábitos Alimentares e TV

Gráfico 12- Gosto pela Televisão

Gráfico 13- Tempo Semanal de Acesso

Gráfico 14- Nível de Credibilidade Atribuído às Notícias

Gráfico 15- Impacto do Curso de Pedagogia nos Espectadores

SUMÁRIO

I-INTRODUÇÃO

2-EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: PARALELAS OU TRANSVERSAIS ?

3-A ERA DA INFORMAÇÃO

4-POR QUE ESTUDAR A MÍDIA NA EDUCAÇÃO?

5-A INTERNET E AS PRÁTICAS JOVENS

6-A TELEVISÃO

7-A IMAGEM NA EDUCAÇÃO

8-CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

GLOSSÁRIO

1- ANEXOS

INTRODUÇÃO

Quando alguém me pergunta o curso que eu faço na faculdade eu respondo: Pedagogia e Jornalismo. Então me perguntam: o que os dois têm em comum?

Inicialmente a relação pode não ser visível, mesmo para quem está em uma dessas áreas, mas o fato é que educação e comunicação possuem laços bastante estreitos. Como bolsista de Iniciação científica (PIBIC/ UNIRIO) tive a oportunidade de estudar e trabalhar temas que me fizeram descobrir grandes afinidades entre as duas formações. Talvez daí meu grande interesse por ambas. Como pensar em educar sem comunicar?

Tanto a educação quanto a comunicação são *difusoras do conhecimento, obviamente de formas distintas uma da outra. Além disso, é notável o grande alcance social de algumas mídias, por exemplo, a televisão. Em muitos casos pode ocorrer um acesso mais fácil à televisão do que à escola.

A outra relação é *sistêmica, afinal vivemos na Era da Informação. De acordo com Philippe Quéau (2001) , “A Revolução das técnicas da informação e da comunicação foi tão rápida e tão profunda que ela passou a afetar, de agora em diante, a organização de nossas sociedades, e isso em escala mundial”. Trata-se de um *paradigma que afeta todas as dimensões humanas e redefine as práticas sociais, políticas, econômicas e culturais de uma sociedade. E se, toda ela vigora dentro desse modelo, o mesmo vale para a escola.

No mundo contemporâneo a mídia possui um papel fundamental. Seu alcance atinge a muitos e é discutida em diversas esferas de conhecimento, inclusive na do senso comum. Dessa forma, não podemos deixar de lado essa discussão, levando em conta a sua onipresença e complexidade.

As escolas ainda vêem a utilização dos meios de comunicação de massa na educação com receio. Na maior parte das vezes, não há a utilização das tecnologias de

informação e comunicação (TIC) no processo de ensino – aprendizagem. Quando isso ocorre, geralmente é aproveitada a televisão, aliada ao vídeo – cassete ou DVD, como um recurso pedagógico, desvirtuando – se o seu sentido de fruição original. No entanto, essa prática ainda é insuficiente e muitas vezes faz uso de um “recurso pedagógico”, descolado da dimensão social, cultural e econômica do aluno.

Um fato que podemos apontar é que as relações sociais e culturais que os alunos estabelecem a partir das mídias não são levadas em consideração ou são avaliadas muito negativamente pelas instituições de ensino. Essas relações e práticas hoje facilitam para que os jovens passem de espectadores a atores da mídia, permitindo a interação e o compartilhamento e criação de conteúdos. Essa transformação foi possibilitada especialmente pela Internet.

Foi justamente o interesse em investigar o tipo de interação entre os jovens e a mídia, em especial a televisão e a Internet, que nos lançou a pesquisa de campo a fim de compreender esse fenômeno. Não bastasse isso, decidi trazer essa discussão para a área da educação. Daí surgir esse estudo.

Assim a monografia “De olho na tela: um estudo sobre o acesso à televisão e utilização da Internet por jovens alunos do curso de Pedagogia” busca mapear e analisar o acesso e utilização dos alunos de pedagogia às mídias, de forma mais específica, à televisão e à internet. Procura investigar como os estudantes se inserem no fenômeno de publicização da vida privada e se situam frente a esse fenômeno.

Que tipo de apropriação fazem os alunos do curso de pedagogia da UNIRIO? De que maneira participam do fenômeno de publicização da vida privada?

Buscando responder a estas questões traçamos um roteiro a ser percorrido e iniciamos nosso trabalho. Dentro de uma perspectiva em que a contemporaneidade se

apresenta como complexa, resistente à compreensão numa rede única estável de sentidos, entendemos que a apreensão da realidade através de procedimentos metodológicos deve estar permeada por uma pluralidade de maneiras de acesso. Levando em conta a complexidade e o campo novo em que se insere nosso estudo optamos por utilizar instrumentos diversos que atendessem aos objetivos.

Inicialmente fizemos um levantamento bibliográfico mapeado por temas como internet, televisão, tecnologia da informação e comunicação, linguagens e mídias, jovens, contemporaneidade. Consideramos nossa população alvo os alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), de ambos os sexos, situados numa faixa etária compreendida entre 18 e 22 anos. Entre os estudantes, estão integrantes de todos os períodos do curso. Elaboramos questionários que foram preenchidos pelos alunos bem como realizamos entrevistas visando aprofundar nosso conhecimento. Utilizamos ainda o recurso da observação participante e não sistemática em ambiente virtual – Internet. Os resultados obtidos foram organizados e analisados à luz dos autores que fundamentaram nosso estudo.

Assim, ao estabelecermos um roteiro para apresentação deste trabalho de monografia optamos por iniciar focalizando a relação entre educação e comunicação como campos do saber já que estamos abordando a questão das mídias.

No primeiro capítulo abordamos os conceitos de comunicação, educação e a relação entre estes campos do saber. No segundo capítulo focalizamos a era da informação. No capítulo três nos questionamos: porque estudar mídia na educação?

o estudo
capítulo 1
comunicação
educação

Capítulo 1

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: PARALELAS OU TRANSVERSAIS?

Tanto a Educação quanto a Comunicação se constituem como ciências que, de acordo com o Dicionário Aurélio significa um “conjunto de conhecimentos coordenados, relativos a um determinado setor” (Pág. 140). Contudo, o Status Científico alcançado por cada uma representa um verdadeiro abismo entre elas. Isso porque a Educação é uma ciência milenar, que tem enfrentado lentas modificações ao longo do tempo, se comparada com a Comunicação. Esta, ao contrário da primeira, é recente. Mas afinal, o que é Educação, o que é Comunicação e qual a relação entre elas?

Educação é o processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano. Os objetivos básicos e os fins da educação são os constantes da Lei de Diretrizes e Bases (1996), baseados nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tendo por fim: a) Compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade; b) o respeito à dignidade e às liberdades individuais do homem; c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional; d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e sua ampliação no âmbito do bem comum; e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhe permitam utilizar as possibilidades de vencer as dificuldades do meio; f) a preservação e a ampliação dos padrões culturais; g) a condenação de qualquer tratamento desigual por motivo de segregação filosófica, jurídica ou religiosa, bem como qualquer preconceito de cor e raça.

Educação, do latim *Educatione*, é ainda, segundo Aurélio:

- 1 – Ato ou efeito de educar (-se);
- 2 – Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social;
- 3 – Os conhecimentos ou as aptidões resultantes de tal processo, preparo;
- 4 – O cabedal científico e os métodos empregados na obtenção de tais resultados, instrução, ensino;
- 5 – Nível ou tipo de ensino;
- 6 – Aperfeiçoamento

integral de todas as faculdades humanas; 7 – Conhecimento e prática dos usos de sociedade, civilidade, delicadeza, polidez, cortesia (...) (Pág. 619).

Existem modalidades formais e não – formais de educação. Utilizaremos nesse estudo como referência apenas o ensino ministrado em instituições escolares. De acordo com Simon e Giroux (2002, Pág.95):

As escolas são formas sociais que ampliam as capacidades humanas, a fim de habilitar as pessoas a intervir na formação de suas próprias subjetividades e a serem capazes de exercer poder com vistas a transformar as condições ideológicas e materiais de dominação em práticas que promovam o fortalecimento do poder social e demonstrem as possibilidades de democracia.

Isso significa que a educação se propõe a fazer com que o sujeito pense por si mesmo e possa galgar o acesso à sociedade como cidadão, exercer os mesmos direitos e deveres do que os outros. Segundo essa teoria, a *emancipação político - intelectual abriria espaço para a econômica. Isso se aplica a este estudo na medida em que, durante meu trabalho de campo e nas observações realizadas como aluna do curso, deparei-me com resistências por parte de alguns educadores em relação à incorporação da mídia na educação.

Consideramos que esta posição é preconceituosa e se apóia em duas razões principais: A primeira é a visão pessimista, conhecida como apocalíptica, que pensa a mídia como alienadora, impedindo o sujeito de fazer julgamentos críticos. Dessa forma, a mídia iria contra os pressupostos de Simon e Giroux e não estaria adequada à educação. Porém, o conhecimento e a formação do senso crítico são processos altamente complexos, que necessitam dos sentidos, intelectos e das experiências dos sujeitos para se concretizarem: “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, P. In Martins, M.H., 1994, Pág. 12).

A segunda razão é a tendência retrógrada defendida por alguns educadores. No caso da Internet no Brasil, é sabido que o acesso ainda não foi generalizado. Porém, em vez de reivindicar a inclusão de todos, desejam a abolição da Rede. Além disso, é comum acusarem seus defensores de elitistas e de não terem senso social. Estes impõem o seu discurso como “verdade”.

Como vimos a própria LDB, no item **e** defende o preparo e o domínio dos recursos digitais pelos sujeitos, para que haja inclusão social. Obviamente existe também o descaso pelo qual diversas instituições escolares passam, a precárias condições existentes, inclusive na universidade estudada, que dificultam aos alunos e professores ter acesso às tecnologias. Para resolver esse problema, são necessários investimentos e políticas públicas na área da educação.

Vale lembrar que a incorporação das mídias à educação também está intrinsecamente relacionada às correntes pedagógicas praticadas nas instituições.

A Pedagogia Tradicional baseia – se na idéia de que é a escola quem oferece o conhecimento legítimo e valoriza essencialmente a linguagem escrita. Trata – se de um ensino mecânico, isolado do cotidiano dos alunos, em que dificilmente acontecem interações entre alunos e professores. Esse é o inverso da nossa proposta, que defende uma pedagogia que abranja linguagens diversas e que se baseia nas experiências dos alunos.

Outra tendência é a Escola – Nova, que surgiu no fim do século XIX e chegou ao Brasil por volta de 1930. Essa corrente avança no sentido de considerar as relações sociais e o ambiente social no processo educacional. Além disso, valoriza o ensino ativo, as motivações e interesses dos alunos.

Já a Pedagogia Tecnicista, que surge no século XX, preocupa – se com a responsabilidade da Escola em formar para o mercado de trabalho. A competência e o

domínio tecnológico passam a ser valorizados. Com o passar do tempo, as exigências aumentam e o nível e a qualidade da educação viram requisitos, não só para quem deseja ingressar no mercado de trabalho, como para quem quer estar incluído culturalmente.

Porém, foi na Pedagogia de Paulo Freire e sua preocupação em “valorizar a bagagem cultural” dos alunos que buscamos fundamentação para justificar o ponto central deste trabalho, cujo objetivo é entender as relações entre aluno – mídia para utilizá-la na educação.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 2001, Pág. 33).

Acreditamos que educação pode proporcionar, na prática, os *postulados adotados nos trechos citados no início do capítulo. Mesmo fazendo uma declarada oposição ao método tradicional, reconhecemos que ela foi a “mãe” de todas as outras vertentes pedagógicas, admitindo assim, encontrar vestígios dela permeando mesmo as teorias mais modernas. Já do movimento Escola – Novista, valorizamos a preocupação com o mundo e os interesses dos alunos. A tendência tecnicista traz à tona uma questão importantíssima socialmente: a relação entre educação e mercado de trabalho. Já a Pedagogia de Paulo Freire faz uma riquíssima contribuição sugerindo a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos e a necessidade de escuta – los. Por tudo isso, acreditamos que podemos aproveitar essas lições para proporcionar uma educação inclusiva, ambiente propício para a prática do ensino defendida. “É pensando criticamente a prática de hoje e de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2001, Pág. 45).

Salvo a ?
s x

Comunicação: do latim *Communicatio*, palavra formada por três elementos: *muniz*, que significa “estar encarregado de”, somado do sufixo *co*, que expressa simultaneidade, reunião e, por fim, a terminação *tio*, que reforça a idéia de atividade. De acordo com o Aurélio, Comunicação é: 1 – *Ato ou efeito de comunicar (-se)*; 2 – *Ato ou efeito de emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados, quer através da linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou símbolos, quer de aparelhamento técnico especializado, sonoro e/ou visual*; 3 – *A ação de utilizar os meios necessários para realizar tal comunicação*; 4 – *A mensagem recebida por esses meios*; 5 – *O conjunto de conhecimentos relativos à comunicação, ou que tem implicações com ela, ministrado nas respectivas faculdades*; 6 – *A capacidade de trocar ou discutir idéias, de dialogar, de conversar, com vista ao bom entendimento entre pessoas*; 7 – *Exposição oral ou escrita sobre determinado assunto*; 8 – *Participação ou aviso de fato ocorrido ou por ocorrer*; 9 – *Convivência, trato, convívio*; 10 – *Caminho de acesso ou de ligação, passagem*; 11 – *Transmissão de informação de um ponto a outro por meio de sinais em fio, ou de ondas eletromagnéticas*; 12 – *Transmissão de mensagem entre uma fonte e um destinatário, distintos no tempo e/ou no espaço, utilizando um código comum (Pág. 443).*

Como vimos, esse é um termo em que cabem inúmeras definições e enfoques científicos. Por isso, vamos delimitar sobre qual comunicação falaremos nesse estudo. No Cristianismo antigo, acreditava-se que havia duas maneiras de conhecer a Deus: pela contemplação e isolamento. Dentro dele, existiam também duas correntes religiosas: Os Anacoretas e os Cenobitas. Os primeiros eram radicais, viviam individualmente, enquanto os últimos optavam por uma vida em comunidade, em conventos ou mosteiros. Ali, eles tradicionalmente “tomavam a refeição da noite em comum”, prática que recebeu o nome de *Communicatio* e que tinha por finalidade quebrar o isolamento.

Segundo Martino):

“A originalidade dessa prática fica por conta dessa idéia de “romper o isolamento”, e nisto reside a diferença entre a communicatio eclesiástica e o simples jantar da comunidade primitiva. Não se trata pois de relações sociais que naturalmente os homens desenvolvem, mas de uma certa prática, cuja novidade é dada pelo pano de fundo do isolamento. Daí a necessidade de se forjar uma nova palavra, para exprimir a novidade dessa nova prática”. (2001, Pág. 13)

A comunicação é um processo ativo, ou seja, para que ela se processe, é preciso que um emissor de comunique com um receptor através de um meio, falando de forma simples. Um livro que não é lido é apenas um suporte. Por isso dizemos que comunicar pressupõe estar em relação com alguém ou com alguma coisa. Uma mensagem ou informação é comunicação de modo relativo. De acordo com Martino (2001, Pág. 17), “Em outras palavras, a informação é o rastro que uma consciência deixa sobre um suporte material de modo que uma outra consciência pode resgatar, recuperar, então simular, o estado em que se encontrava a primeira consciência”.

Da mesma forma que exige atividade, este é um processo que requer atenção e interesse. O termo ganha Status de Ciência no Século XX, porém, “A modernidade não descobriu a Comunicação – apenas a problematizou e complexificou seu desenvolvimento, promovendo o surgimento de múltiplas formas e modulações na sua realização” (FRANÇA, 2001, Pág. 41).

Os Estudos mais importantes dessa área são recentes, contudo, já na Antiguidade Grega os filósofos já demonstravam uma preocupação com o discurso, com o “Bem – falar”, visando a busca pela verdade e a persuasão através da *retórica. As mais recentes pesquisas surgiram com o advento de uma nova sociedade que, por sua vez, acompanhou as mudanças que caracterizavam os novos tempos. É nesse momento que surgem os Meios de Comunicação de Massa, objetos do nosso estudo. Trata – se de “Comunicação Social dirigida a uma ampla faixa de público, anônimo, disperso e heterogêneo, atingindo

simultaneamente (ou a um breve trecho) uma grande audiência, graças à utilização dos meios de comunicação”. (AURÉLIO, 1986, Pág. 443). Estes, por sua vez, pertencem à categoria de mídia, que será debatida enormemente neste trabalho.

O termo mídia é uma tradução do inglês *media* – espaço intermediário. De acordo com Barbero, mediações são as diversas instâncias e distintos patamares em que, no domínio do cotidiano, se verifica a negociação dos sentidos. (Barbero, 2001).

Mídia também é o conjunto de todos os meios de comunicação de massa (rádio, tv, jornais, revistas, etc.) que têm o poder de influenciar a opinião pública. Ou um grupo de jornalistas e outros que constituem a indústria e a profissão das comunicações; ou uma pessoa que, numa agência de propaganda, tem a função de relacionar-se com os meios de comunicação. Já a idéia de influência remete ao conceito de ideologia.

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador; cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como as classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado (CHAUI, 19__? apud Aranha, 19- - ? pág. 70).

Atribui – se esse poder à mídia, que até hoje divide opiniões sobre o tipo de influência que exerce no público. A divisão conceitual entre “Apocalípticos” e “Integrados” inaugurada por Humberto Eco na década de 60^{na} permite esclarecer em que posição de uma escala ideológica encontram – se as opiniões do público do “senso comum”, dos intelectuais e especialistas desse campo científico.

Os Apocalípticos são classificados como os teóricos que consideravam a mídia um aparelho ideológico. Eles acreditavam que a televisão substituíra o aprendizado pelos livros pelo aprendizado através da imagem e afirmavam que ela produz modos de pensar e agir desprovidos de questionamentos. De acordo com essa corrente, a mídia tinha como principal função dominar ideologicamente o público. Segundo eles, padrões de comportamento, modos de pensar e agir são transmitidos pela por ela. Os apocalípticos afirmam que as pessoas imitam os valores da mídia mesmo que isso comprometa os seus próprios. Além disso, acreditavam também que a cultura de massa transmitida pelos meios de comunicação de massa gera um perigoso retrocesso na consciência reflexiva do indivíduo e oferece uma cultura homogênea dissociada do contexto histórico. Para essa corrente, a televisão baseia sua programação no que supostamente o público deseja, isto é, para os apocalípticos, até as vontades e gostos do público são impostos pela TV. Eles também classificam a publicidade como “maliciosa” e afirmam que os indivíduos reproduzem culturas, ao invés de resignificá-las. Como pudemos perceber, essa mentalidade existe na contemporaneidade e é facilmente identificada entre muitos professores. Enquanto esse entendimento não mídia não for dissipado, continuará constituindo – se como um obstáculo para a incorporação e utilização adequada dos meios de comunicação na educação. Apesar dos esforços de intelectuais da área que postulam que deve – se levar em consideração as experiências de vida, os conhecimentos prévios e o cotidiano dos alunos, ainda há quem acredite que estes não terão qualquer chance de discernimento, caso expostos aos MCM. Não há intenção aqui de julgar os pressupostos teóricos dos professores, mas argumentar que, indiferente da idéia que os educadores têm da mídia, é fato que ela faz parte da cultura dos nossos alunos, querendo eles ou não. Por isso, afirmamos que vale a pena entender como isso funciona. Freire, em 2001, já chamava a atenção para a importância de escutar o aluno:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles (Pág. 127).

Obviamente não queremos defender aqui uma visão ingênua da mídia. A proposta é que, sendo as instituições educacionais e a mídia difusoras do conhecimento, faz – se necessário um trabalho pedagógico não só para adequar o ensino ao estilo de vida dos alunos, como para não deixa – los “à mercê” dos meios de comunicação de massa, como paradoxalmente fazem muitos professores defensores dessa vertente, e desenvolver seu senso crítico. “Como educadores e educadoras progressistas não apenas podemos desconhecer a televisão mas devemos usa – la, sobretudo, discuti – la” (FREIRE,2001, Pág.157).

Naturalmente reconhecemos a exclusão em que se encontra uma grande parcela da população e muitas instituições escolares. Porém, esse trabalho se constitui em um estudo de caso especificamente voltado para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Defendemos o dever da sociedade em geral lutar pela igualdade de oportunidades, porém, não devemos adotar a postura de, uma vez identificada a desigualdade social, retroceder até os excluídos, mas fazer o oposto e lutar para que todos tenham acesso às tecnologias de informação e comunicação.

Voltando a Eco, retomaremos a discussão, classificando os Integrados. São teóricos que acreditam que as informações, antes restritas, tornam – se viáveis a todos. Para eles, a mídia oferece bens culturais dispostos de forma prazerosa e democrática. Além disso, afirmam que o público consome e produzem cultura. Para os integrados, a mídia promove a democratização do conhecimento e cerca os receptores de estímulos inteligíveis. Acreditam também que os meios de comunicação de massa promovem o acúmulo de dados significativos e transformam qualitativamente o modo de ser e pensar

dos indivíduos. Segundo eles, os telespectadores não são meros reprodutores de ideologias transmitidas. Esta corrente localiza – se em um pólo oposto à vertente Apocalíptica e demonstra um otimismo ingênuo em relação à mídia. Falta – lhe uma análise crítica mais aprofundada sobre as relações entre os meios de comunicação de massa e sociedade. Porém, avança no sentido de reconhece – la como uma nova fonte de conhecimento e admitir o público como sendo capaz de selecionar as mensagens midiáticas que recebe. O ideal é reconhecer a importância das contribuições que cada uma faz, reconhecendo suas lacunas.

Voltando um pouco no tempo, outras teorias anteriores e não menos importantes ocuparam – se de entender as interações entre o público e os meios de comunicação. Centros de pesquisas foram criados com esse propósito e, inicialmente, esses estudos estavam comprometidos a questões de ordem políticas, econômicas e militares. A Escola Americana, que surgiu a partir de 1930 teve entre seus representantes Paul Lazarsfeld, Harold Lasswell, Kurt Lewin e Carl Hovland muito contribuiu para o ^oarcabouço científico da comunicação, detendo – se desde investigações com objetivos puramente técnicos a análises bem elaboradas sobre a influência da mídia sobre o público. Dentro dessa mesma Escola, evolui – se da teoria da “agulha hipodérmica”, em que acredita – se que o público é passivo às mensagens dos meios e incapaz de questiona – las a pesquisas minuciosas onde se conclui que o receptor não só é capaz de questionar as mensagens midiáticas, como ressignificá - las por meio de suas vivências e interesses.

Na I Guerra Mundial, os meios desempenharam a função influenciar os sentimentos da população civil para sustentação da economia e fortalecer o orgulho nacional. Mas na II grande Guerra esse processo se redimensiona, com o uso da propaganda como mecanismo de controle e manipulação, especialmente na Alemanha nazista. No Pós – Guerra, a comunicação mantém o vínculo estreito com o setor bélico

durante a Guerra Fria e a política intervencionista americana. É interessante notar esse laço porque muitas vezes na história da comunicação a criação de um aparato técnico foi motivada por objetivos militares, assim como o telégrafo e a Internet, que veremos adiante.

1930

Também é na década de 30 que outra importante Escola se destaca. É a Escola de Frankfurt, também conhecida como Teoria Crítica, que vai se opor às convicções da Escola Americana, criticando duramente a “Indústria Cultural” e a manipulação ideológica realizada pela mídia. Tem entre seus representantes Max Horkheimer, Wilhelm Reich, Theodor Adorno, Leo Lowenthal, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas e Walter Benjamin. De acordo com essa teoria, o processo de mercantilização cultural teria por objetivo alienar, padronizar a sociedade e atribuir valor de produto à cultural em geral, inclusive aos próprios homens. Além disso, acreditavam que os meios de comunicação de massa reduzem o homem a uma dimensão única:

“Sob a aparência de um mundo cada vez modelado pela tecnologia e pela ciência, manifesta – se a irracionalidade de um modelo de organização da sociedade que subjuga o indivíduo, em vez de libertá-lo. A racionalidade técnica, a razão instrumental reduziram o discurso e o pensamento a uma dimensão única” (MATTELART, 2001, pág. 81).

Um importante teórico dessa Escola trouxe à tona a questão da reprodutibilidade técnica, que “roubaria” das obras de arte sua “aura” e sua originalidade, atingindo a qualidade da arte em geral. “À medida que diminui a significação social de uma arte, assiste – se no público a um divórcio crescente entre o espírito crítico e a fruição da obra” (BENJAMIN, 1934 apud LIMA, 1990).

Ainda na década de 30, o Instituto Francês de Imprensa realiza uma análise detalhada sobre a cultura de massa e nos anos 60, os Estudos Culturais, que tiveram entre

1960

seus adeptos Edgar Morin, Roland Barthes, o já citado Umberto Eco, Antonio Gramsci e Stuart Hall, valorizavam as produções culturais que circulavam na mídia e na sociedade e situavam os meios de comunicação de massa nesse contexto. Aqui, o receptor é reconhecido com um sujeito detentor de cultura própria, que é acionada no momento de interação com a mídia. Dentro dessa corrente, Hall inaugura a idéia de que diferentes faixas de público tendem a ressignificar mensagens dos meios à sua maneira.

Na América Latina, na década de ¹⁹⁷⁰70, surgem os estudos Marxistas, neomarxistas e antiimperialistas como a Teoria da Dependência. Mais tarde, Mc Luhan traz o conceito de *Aldeia Global*, em que o mundo estaria eletronicamente interligado. Além disso, ele inova o modelo formal de comunicação ao afirmar que “o meio é a mensagem” e que os meios seriam continuações do corpo humano, intensificando a percepção. Contudo, ignorava as zonas de exclusão causadas pela globalização, fato que refutava a idéia da interconexão total do mundo.

Régis Debray, teórico da Midiologia Francesa, chamou a atenção mais tarde para o imediatismo da mídia e para o constante apelo aos receptores como consumidores. Atento à lógica técnica dos meios, ele afirma que a televisão torna homogêneo o que é diverso e enfatiza sua função de entretenimento.

Representante da ^{*}Pós – Modernidade, Jesús Martín Barbero redimensiona a idéia de mediação, conforme discutido anteriormente e contesta as idéias Frankfurtianas de receptor passivo e unidimensional:

Martín – Barbero propôs que se observasse o espaço (de natureza simbólica ou representativa) que media entre *fonte emissora* e *destinatário*. Nesse intervalo, preenchido pela *mensagem*, encontram – se múltiplas variáveis, fazendo com que a *mensagem* intencionada e emitida pelo *emissor* possa não vir a ser a mesma captada e recolhida pelo *receptor*. Sendo assim, os *meios de comunicação* e a *kulturindustrie* propõem e o *público*, em seus vários segmentos constitutivos, dispõe (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003, Pág. 147).

Barbero classifica as mediações ou *filtros purificadores* em cinco categorias: Os *Estruturais*, que compreendem as diferenças de classe social; os de *Repertório*, que contém a “bagagem cultural” do público; a *Institucional*, que relaciona – se com o papel desempenhado pelas instituições no processo de interação espectador – mídia; a *Conjuntural*, que compreende os mecanismos de resignificação de conteúdos e, por fim, a *Tecnológica*, que se ocupa da esfera técnica de produção de significados.

Esses conceitos são de extrema importância para esse estudo, pois entende – se que a dimensão *institucional*, citada por Barbero, que em nosso caso são as instituições escolares, pode contribuir bastante em uma compreensão crítica dos conteúdos midiáticos. Além disso, compreender as categorias *conjuntural e repertório* diz respeito ao que defendemos aqui, no caso o aproveitamento dos conhecimentos prévios dos alunos e desenvolvimento de habilidades técnicas tanto de alunos quanto de professores para que haja domínio dessa nova linguagem (dimensão *tecnológica*). Mas nosso maior desafio, sem dúvida está relacionado à mediação *estrutural*, pois a educação, que possui raízes clássicas, opõe – se à cultura de massa e dificilmente aproveita os meios no ensino. Contudo, se os educadores pretendem formar sujeitos críticos, não podem se dar ao luxo de fugir dessa discussão:

Compreender o fato de que, daquilo que recebe, cada um pode fazer o que quiser não significa remeter o estudo da Comunicação à desorganização epistemológica; significa centra – lo em um eixo sociocultural, pelo qual estão em causa as *leituras* (os processos individuais e coletivos de *dotação de sentido*) que cada um faz do que é destinado a todos – tema este bem distinto da tradição dos “efeitos provocados pela comunicação midiática”. Não se pode ignorar que haja e atuem “mecanismos de manipulação”, que prevejam e prescrevam reações; mas, tampouco há de se desconhecer a “interação tensional” entre a produção industrializada de bens culturais e seu consumo por largas faixas da população. De mais a mais, as novas tecnologias não precisam ser consideradas apenas “parafernália da era eletrônica”, podendo – se também reputa – las como “organizadoras da percepção” e “reorganizadoras da experiência”, seja no plano da existência

individual, seja na esfera da vida coletiva (POLISTCHUCK; TRINTA, 2003, Pág. 148).

Hans – Robert Jauss e Wolfgang Iser reforçam o conceito de “leituras”, na Teoria Recepional e evidenciam os *sentidos* dos atos comunicativos e trazem à tona o receptor ativo, capaz de perceber, compreender, reter e atribuir sentido às mensagens recebidas.

Graças a essa corrente, chegamos ao receptor atual e é pensando nele que baseamos esse estudo. É evidente que, em se tratando dos Estudos da Comunicação, um paradigma não supera o outro. Assim como na educação, todos coexistem socialmente. Assim como facilmente se encontraria em um mesmo bairro uma instituição educativa tradicional, que enxerga seus alunos como passivos no processo de ensino - aprendizagem e outra progressista, com a visão do professor sobre o aluno totalmente oposta, a idéia de um receptor passivo e ativo convivem conflituosamente até hoje.

2.3 – AS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

O breve panorama realizado no item anterior sobre as mais importantes correntes ideológicas da comunicação tem por objetivo demonstrar o quão atual são essas teorias. É evidente que elas estão presentes, enraizadas até os nossos dias no imaginário do senso comum e também dos intelectuais. Mas qual a importância disso e por que estudar a mídia na educação?

Essa discussão é importante porque trata – se de uma tecnologia onipresente e essencial de nossa experiência diária. É impossível escapar à sua presença e representação. Por ela ser tão fundamental quanto a educação é que se fazem urgentes sua compreensão e cooperação. A mídia, apesar de possuir um caráter predominantemente de entretenimento, acaba constituindo – se como uma fonte de aprendizado, que muitas vezes entra em desacordo com o que é ensinado na escola. Esta, por sua vez, precisa acompanhar esse aprendizado “à parte”, cada vez mais freqüente dos alunos. Além disso, os professores têm que estar capacitados para entender o que é a mídia, que linguagens a constitui para, desta forma, poder realizar uma prática de ensino voltada para a realidade do seu aluno e, se não for o caso, ao menos ensinar essas novas linguagens para ele, mesmo que não tenha acesso imediato aos meios de comunicação, domina – las e assim evitar a exclusão completa.

Entender a mídia como um processo – e reconhecer que o processo é fundamental e eternamente social – é insistir na mídia como historicamente específica. A mídia está mudando, já mudou, radicalmente. O Século XX viu o telefone, o cinema, o rádio, a televisão se tornarem objetos de consumo de massa, mas também instrumentos essenciais para a vida cotidiana. Os meios de comunicação de massa são fruto de uma revolução que transformou todas as relações entre os homens e o mundo. A Era da Informação rege os modos de vida na contemporaneidade. Por isso, não há como fugir a essa discussão.

Enfrentamos agora o fantasma de mais uma intensificação da cultura midiática pelo crescimento global da Internet e pela nova promessa (alguns diriam ameaça) de um mundo interativo em que tudo e todos podem ser acessados instantaneamente.

Entender a mídia como um processo também implica um reconhecimento de que ele é fundamentalmente político, ou talvez, politicamente econômico. Os significados oferecidos e produzidos pelas várias comunicações que inundam nossa vida cotidiana saíram de instituições cada vez mais globais em seu alcance e em suas sensibilidades e insensibilidades.

Porém, nada disso é novidade. Estudos nessa área são desenvolvidos desde a década de ¹⁹²⁰30 e surgiram devido a preocupações “apocalípticas” com o conteúdo midiático. Os educadores se valeram basicamente de argumentos da Escola de Frankfurt em suas investigações e os meios de comunicação frequentemente eram tidos como um perigo iminente para a cultura e para o ensino.

Paralelo a isso, as reformas educacionais Brasileiras de 1927 e 1930 exigiram a inclusão de filmes nas práticas educativas. Naturalmente, com objetivos puramente didáticos. Na década de 1970, intelectuais do ensino começam a enfatizar a importância de incorporar a mídia na educação e logo institui – se a disciplina “Tecnologia Educacional” nos currículos de Pedagogia, Letras, licenciaturas e nos cursos de mestrado em educação. Nasce a ABT – Associação Brasileira de Tecnologia Educacional. Nos anos 80 começam no Brasil as investigações sobre Ideologia e meios de comunicação e em 90 são criados o Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa da INTERCOM (Sociedade Interdisciplinar para os Estudos da Comunicação) e o Grupo de Trabalho Educação e Comunicação da ANPEd (Associação Nacional de Pós – Graduação e Pesquisa em Educação), que fixou – se oficialmente em 1991 (DUARTE, 2007).

Em 1997, acontece um fórum internacional em Paris, onde se constata uma mudança de mentalidade nos estudos contemporâneos. Nele, discutiu-se a importância da mídia para além de fins didáticos, os impactos na formação de sujeitos e a necessidade e compreensão da relação público – meios.

A partir de 2000, a mudança passa a ser ainda mais significativa quando os pesquisadores deixam de lado o enfoque de causa e efeito que se atribuía aos estudos “educativos” e reconhecem a complexidade do assunto. Além disso, passam a defender a incorporação na mídia na educação para além de fins puramente didáticos.

Partindo desses pressupostos, devemos estudar a mídia na educação porque queremos respostas a essas questões, respostas que sabemos que não podem ser conclusivas e que, de fato, não devem sê-lo. Por mais atraente que seja e muitas vezes superficialmente convincente, não se pode obter uma única teoria da comunicação. De fato, seria um tremendo erro tentar encontrar uma. Um erro político, intelectual e moral. Mas ao mesmo tempo nossa preocupação *com* a mídia na educação é sempre igualmente uma preocupação *pela* mídia na educação. Queremos aplicar o que passamos a compreender, envolver – nos com os que poderiam estar em posição de responder, queremos encorajar a flexibilidade e a responsabilidade.

2 - A ERA DA INFORMAÇÃO



A *Era da Informação* é uma característica marcante da *Pós – Modernidade* e representou uma verdadeira *revolução* atual, transformando as relações sociais, artísticas, culturais, políticas e econômicas nas últimas décadas do século XX. A automatização dos dados e fluxos de informação permeiam o cotidiano da nova sociedade. A velocidade e a eficácia tornam - se valores desejáveis, principalmente no mercado. O circuito de produção de bens e serviços é cada vez mais veloz e as tecnologias são aperfeiçoadas e substituídas em menor espaço de tempo.

Naturalmente há vantagens e desvantagens nesse sistema, como o fato de que a velocidade dificulta a reflexão, especialmente em áreas que requerem produções intelectuais, como a educação e o jornalismo, por exemplo. Porém, não há dúvidas de que os caixas eletrônicos, o “dinheiro virtual” dos cartões de crédito e débito, o código de barras e a informatização de banco de dados, equipamentos eletrônicos, satélites, celulares e cabos de fibra ótica, por exemplo, facilitaram a vida da maioria das pessoas. Por outro lado, contou - se a aumento da concentração de capital durante esse período, acompanhado de zonas de exclusão social e digital. Contudo, a Era da Informação representa um novo *paradigma* e impõe aos sujeitos sua participação, especialmente se pretendem inserir - se no mercado de trabalho.

Entende - se por paradigma “toda a constelação de crenças, valores, técnicas, etc., partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada” (KUHN, 1962, pág.

Por que?

218). Esse conceito contrapõe – se à visão Platônica, que o considera “um modelo, um tipo exemplar, que se encontra em um mundo abstrato, e do qual existem instâncias, como cópias imperfeitas, em nosso mundo concreto” (MARCONDES, 1995, Pág. 14).

O mundo pós – moderno afastou ao máximo desse ideal Platônico, visto que vivemos a sociedade das aparências, do *Simulacro*, que elimina as diferenças entre o mundo real e o imaginário (no caso, das idéias). A verdade passa a ser o que ela aparenta e adiciona – se à noção de tempo linear o *tempo intemporal*, próprio do ambiente virtual, onde há um “eterno presente”.

É nesse cenário que os meios de comunicação ganham espaço, especialmente a Internet. A *Cibercultura* é um importante elemento da sociedade mundial da informação. O prefixo *ciber* serve para designar a sociedade atual, regida pela inteligência artificial, em que a tecnologia analógica é substituída pela digital:

A cibercultura dispõe de modelos mentais e de instrumentos capazes de ajudar – nos a apreender melhor as novas formas de complexidade. Assim a simulação numérica e a realidade virtual, que permitem criar “experiências de pensamento”. É possível elaborar universos conceituais, modelos abstratos extremamente bem – acabados, e tirar partido do poder algorítmico disponível, não necessariamente para resolver os problemas, mas, pelo menos, para compreender melhor a natureza e os limites de nossos próprios esquemas intelectuais. Por outro lado, a cibercultura baseia – se, em grande parte, sobre o sentimento de que se pertence à comunidade mundial dos internautas (QUÉAU, s.d, Pág.461).

Quéau também compara a revolução da Era da Informação com o aparecimento do alfabeto, devido à sua importância e à nova linguagem que surge, no caso o código binário. As máquinas de calcular e a mídia relacionam – se cada vez mais com o funcionamento desse sistema.

No entanto, outra discussão que surge diante desse paradigma é o da crise de identidade cultural de sujeitos de seus grupos sociais, sejam eles de gênero, sexualidade,

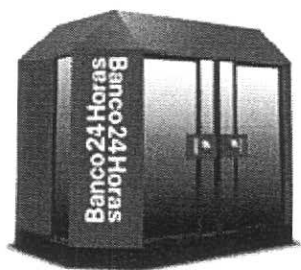
nacionalidade, classe, raça e etnia. Essas teorias acreditam que a atual organização estrutural das sociedades do final do século XX produz o sujeito pós – moderno, caracterizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

A confusão entre o público e o privado também marca o mundo pós – moderno. Antigo palco da palavra e da ação, a esfera pública era, na Grécia clássica, o lugar onde os homens revelavam e se ofereciam diante dos outros e ao julgamento destes. Já o domínio privado era reservado aos interesses individuais.

Nesse momento de mundialização, temos necessidade de um verdadeiro domínio público, aberto a toda participação, à deliberação, à expressão dos cidadãos – não somente enquanto cidadãos de suas respectivas nações, mas também enquanto cidadãos do mundo. Essa esfera pública não é unicamente um espaço de expressão política. É também um espaço de acesso à informação mais ampla, reconhecida como um direito fundamental do homem. A liberdade de expressão acompanha – se de fato necessariamente da liberdade de acesso à informação – especialmente à informação pertencente, por natureza, ao domínio público (QUÉAU, s.d, Pág. 470).

Apesar da importância disso, assistimos a uma confusão entre o público e o que é privado. Especialmente na mídia, prevalece o privado dentro do público. O conteúdo é majoritariamente voltado para um público cada vez mais fragmentado, cada vez mais individual. Os meios mostram assuntos de interesse privado: o “Aqui e agora” e a “vida como ela é”. O público agradece. Respondem com uma enorme audiência que alimenta as certezas da mídia sobre o conteúdo oferecido.

Diante da complexidade e da importância dessa nova realidade na qual estamos imersos atualmente, a Era da Informação chega para trazer soluções a questionamentos antigos e provocar novos. Esse paradigma constitui – se atualmente em um dos principais cenários para as produções científicas mundiais.



4 – POR QUE ESTUDAR A MÍDIA NA EDUCAÇÃO?

A proliferação das novas Tecnologias de Informação e comunicação (TIC) se constituiu como uma das principais características do mundo contemporâneo e ocasionou uma reformulação do processo de comunicação, do transporte da informação, do conhecer, do experimentar, contribuindo para novos modelos de comunicação, ampliando as possibilidades de linguagem, mediação, interatividade.

Discutir a experiência do mundo contemporâneo e o papel da mídia se tornou uma reflexão que ultrapassa os textos de especialistas de filosofia ou ciência social e alcança outros inúmeros ramos de conhecimento, a própria mídia e até mesmo o senso comum. O papel da mídia passa a responder por muitas modificações em diversas áreas, em diversos tipos de movimentos, em tempos, infinitos e imediatos, espaços, públicos e privados, espaços locais e globais, reais, virtuais etc.

Esta discussão interessa ao mundo universitário, especialmente quando estamos falando em formação de professores, estes que estão ou estarão em breve trabalhando diretamente com a educação de novos sujeitos. Interessa ainda mais quando constatamos que entre estes professores em formação encontram-se, alunas e alunos, ainda dentro de um segmento que é considerado jovem, uma vez que situa-se abaixo de uma faixa etária de 24 anos, e breve estarão trabalhando com outros, também jovens, que serão seus alunos.

Dentro deste panorama cada vez mais a educação, de um modo geral, a universidade e a escola, de forma mais específica, vem sendo desafiadas a acompanhar o desenvolvimento tecnológico e social e a cumprir o papel de formação do cidadão.

Segundo Schnitman (1996), os processos de comunicação e as práticas discursivas, durante muito tempo, foram mantidos à distância do discurso científico, conservando a

idéia da linguagem como puramente instrumental. O resultado de uma maior racionalidade da cultura e a predominância de um sentido horizontal nas formas de expressão humana, em detrimento de outras linguagens, fez com que mantivéssemos uma linearidade tanto em nosso discurso quanto em nosso pensamento (Costa, 2005). A escrita conduziu o conhecimento humano, em muitas áreas e significativamente na educação e na escola. Forneceu um processo, uma organização cognitiva, buscando uma organização racional, sistêmica e seqüencial.

A educação e a escola tem sido por tradição centradas no paradigma letrado e se apropriar das TIC implica romper estas barreiras, assimilar múltiplas linguagens. Muitas expressões da cultura como os desenhos, as pinturas, o aprimoramento dos movimentos com o corpo, como as lutas e danças, os sons, a música, estão pouco presentes na escola e quando presentes foram considerados mais como manifestações recreativas e artísticas, do que conhecimentos capazes de gerar outros conhecimentos, organização, auto-conhecimento. As representações visuais e mentais, que fazem parte de uma organização cognitiva, também são pouco exploradas pela escola.

Para entender a relação dos jovens com a mídia, antes de tudo é preciso entendê-la como um processo, que é social, político, econômico e cultural. Os meios de comunicação acompanharam e contribuíram para o fenômeno de “aceleração do tempo”, importante característica do paradigma de mercado que vivemos atualmente. O tempo e o espaço foram redimensionados com o fim de maximização de lucros. Com isso, barreiras e fronteiras foram quebradas com esse propósito. Aderiu – se à filosofia de que “tempo é dinheiro”.

Os meios de comunicação de massa e a globalização contribuíram para essa “compressão espaço – temporal”. A mídia então passou a trabalhar em “tempo real”, ou seja, com a transmissão de imagens ao vivo e instantâneas. Tornou – se possível assistir a

uma imagem da África estando no Brasil, ao mesmo tempo em que ela é captada pela lente da câmera. Nesse caso, o tempo e o espaço são uniformes, dentro do conceito de Castells (1999) de “espaços de fluxos”.

A Internet levou esse processo aos limites. Ela atribuiu um “falso poder” ao ser humano. Agora ele era capaz de intervir nesse “tempo real”. Ele pode conversar com um sujeito da África enquanto está no Brasil, assistindo à imagem dele e vice – versa. Apesar das diferenças de fuso – horário, o tempo é o mesmo.

Além disso, a internet, a utilização do computador e as diversas ferramentas, tem sido considerados fatores fundamentais de formação e inclusão. Muitos são os trabalhos que enfatizam a importância das tecnologias no âmbito social, além das questões de compreensão estritamente tecnológicas. Na aplicação cada vez maior da microeletrônica, um caminho é o da compreensão tecnológica e da análise crítica dos mecanismos tecnológicos: outro, o da utilização do conhecimento científico e empírico em função da identidade cultural estabelecida e da mobilização social buscada. As novas tecnologias são “novas” principalmente pelo seu caráter eminentemente social, pelo enorme impacto cultural que provocam na estrutura socioeconômica dos países que as adotam. Barbero(2003) reconhece nas mídias novos espaços de sociabilidade e de estar juntos.

Neste sentido aproximar-se da televisão e da internet, torna-se um desafio porque implica em reformulações mais amplas do que introduzir a utilização da máquina. A educação não mais pode se dar ao luxo de ignorar as profundas alterações que os meios e tecnologias de comunicação introduziram na sociedade contemporânea e, principalmente, perceber que os mesmos criam novas maneiras de "aprender" e "aprender" o mundo . A multiplicidade de pontos de vista, a riqueza de leituras, precisa ser digerida e incorporada pela escola, se ela tiver a pretensão de sobreviver como instituição geradora, mantenedora do saber humano.

Koychiro Matsuura, da UNESCO afirma que a revolução das novas tecnologias, que são essencialmente tecnologias intelectuais, gera uma economia do conhecimento, colocando-o no cerne da atividade humana, do desenvolvimento e das transformações sociais. Segundo Matsuura, para superar esses obstáculos, os países terão que investir muito na educação, na pesquisa, no infodesenvolvimento e na promoção de sociedades de aprendizado. O que está em jogo no destino dos países é o não investimento que os coloca em situação de risco. Ainda entre estes obstáculos estão as concentrações de conhecimento em áreas geográficas restritas.

Compreender as relações que os jovens fazem com a mídia é entender que ela possui uma cultura própria, com especificidades e códigos de conduta especiais para esse aparato. A Internet surge com a capacidade de interconectar o planeta em tempo real e é inseparável do conceito de globalização. Mc Luhan acreditava na utopia da “Aldeia Global”, partindo da idéia que a Internet abolia o tempo e o espaço. Milton Santos (1996) questionou essa tese, afirmando que “o espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. (...) Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares”. Da mesma forma, não há propriamente um tempo mundial, mas “temporalidades hegemônicas e temporalidades não hegemônicas”.

Já Manuel Castells (1999) acrescenta como característica da mídia o “tempo intemporal”, próprio da estrutura da rede, onde passado e futuro se fundem num eterno presente. Segundo ele, “esse tempo linear, irreversível, mensurável e previsível está sendo fragmentado na sociedade em rede”.

Segundo Barbero (1987), “a comunicação é percebida, em todo caso, como o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou que têm direito de esperar, seus medos e suas esperanças. Os meios de comunicação começaram assim a fazer parte

decisiva dos novos modos como nos percebemos latino – americanos. O que significa que neles não apenas se reproduz ideologias, mas também se faz e refaz a cultura das maiorias, não somente se comercializam formatos, mas recriam – se as narrativas nas quais se entrelaça o imaginário mercantil com a memória coletiva”.

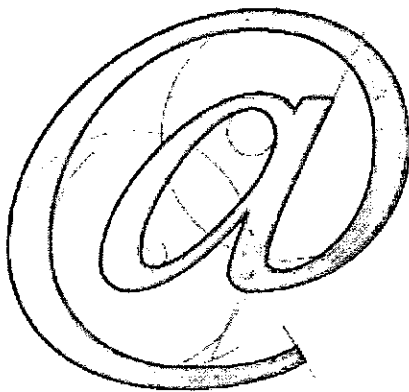
Complementando a discussão, Barbero (2003) afirma que “Os jovens experimentam uma empatia cognitiva feita de uma grande facilidade na relação com as tecnologias audiovisuais e informáticas e de uma cumplicidade expressiva: com seus relatos e imagens, suas sonoridades, fragmentações e velocidades, nos quais eles encontram seu idioma e seu ritmo. Pois diante das culturas letradas, ligadas à língua e ao território, as eletrônicas, audiovisuais, musicais ultrapassam essa adstrição, produzindo novas comunidades que respondem a novos modos de perceber e de narrar a identidade”.

*de olho na tela
do imaginário*

Entretanto, devido a fatores econômicos, a Internet ainda não obteve acesso generalizado no Brasil. Reconhecemos que há uma grande parcela da sociedade brasileira excluída dessas tecnologias. Sabemos que a idéia todos estão interconectados globalmente é ingênua e que existem territórios e pessoas à margem dessa realidade, seja por exclusão ou por opção de resistência. Mesmo assim, achamos vale a pena os educadores tentarem entender que relação seus alunos fazem com a mídia. Se não for nenhuma, se eles não tiverem acesso, cabe a eles uma parcela da responsabilidade de inclui – los nessas práticas, que são uma realidade, querendo ou não. De acordo com Barbero (2003):

O mais grave dos desafios que a comunicação propõe hoje à educação é que, enquanto os filhos das classes mais altas conseguem interagir com o novo ecossistema informacional e comunicativo a partir da própria casa, os filhos das classes populares – cujas escolas não têm, em sua imensa maioria, mínima interação com o ambiente informático, sendo que para eles a escola é o espaço decisivo de acesso às novas formas de conhecimento – acabam excluídos do novo espaço laboral e profissional que a cultura tecnológica configura. Daí a importância de um uso criativo e crítico dos meios audiovisuais e das tecnologias informáticas.

5 – A INTERNET E AS PRÁTICAS JOVENS



A Internet, a exemplo de outros meios de comunicação, surgiu em 1969, nos Estados Unidos, para atender a objetivos militares. Ela começou como um sistema que se conectava com laboratório de pesquisa. Conhecida inicialmente como ARPAnet, protegia informações em caso de ataques nucleares durante a Guerra Fria.

Uma década após, ela passou a servir aos interesses acadêmicos de estudantes da Duke University at Durham, na Carolina do Norte e apenas em 1987 passou a ser comercializada. Chega ao Brasil em 1988 e em 1992 passa a ser controlada pelos provedores de acesso à rede.

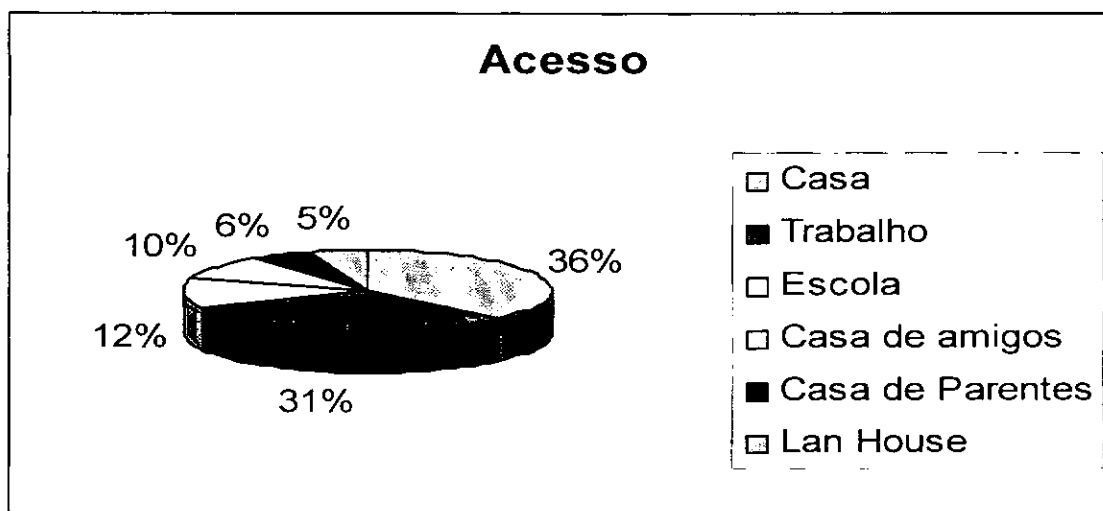
Programada pela linguagem numérica, as páginas da internet obedecem ao código *HTML, que configura os textos da Web. Essa interface gráfica é composta por páginas chamadas de sites, acessado por meio de home pages – página de abertura.

O computador em si representa a união de várias mídias em uma. Nele encontramos a junção da televisão, com o rádio, o cinema, o CD – ROM e as novas tecnologias digitais do micro. A tudo isso dá – se o nome de *multimídia*.

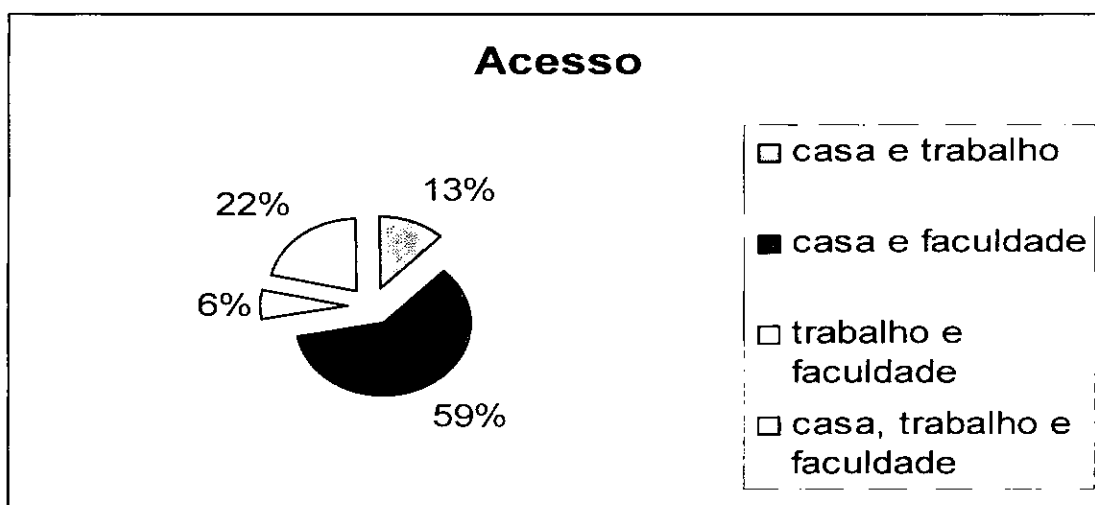
A internet destacou – se dos outros meios de comunicação devido ao público que utiliza. Pelo menos no Brasil, ainda não podemos afirmar que trata – se de uma mídia de

massa, devido ao alto percentual de exclusão digital que o país ainda atinge. Além disso, há uma interação direta, em que o usuário não só escolhe o conteúdo que deseja acessar, como ele tem a possibilidade de modifica – lo.

De acordo com os dados coletados, descobrimos que 97% dos jovens do curso de Pedagogia da Unirio utilizam a Internet. Isso demonstra a importância dessa mídia hoje. Desse total, 79% acessam de casa, 74% da faculdade e 26% do trabalho. (ver gráfico 1)

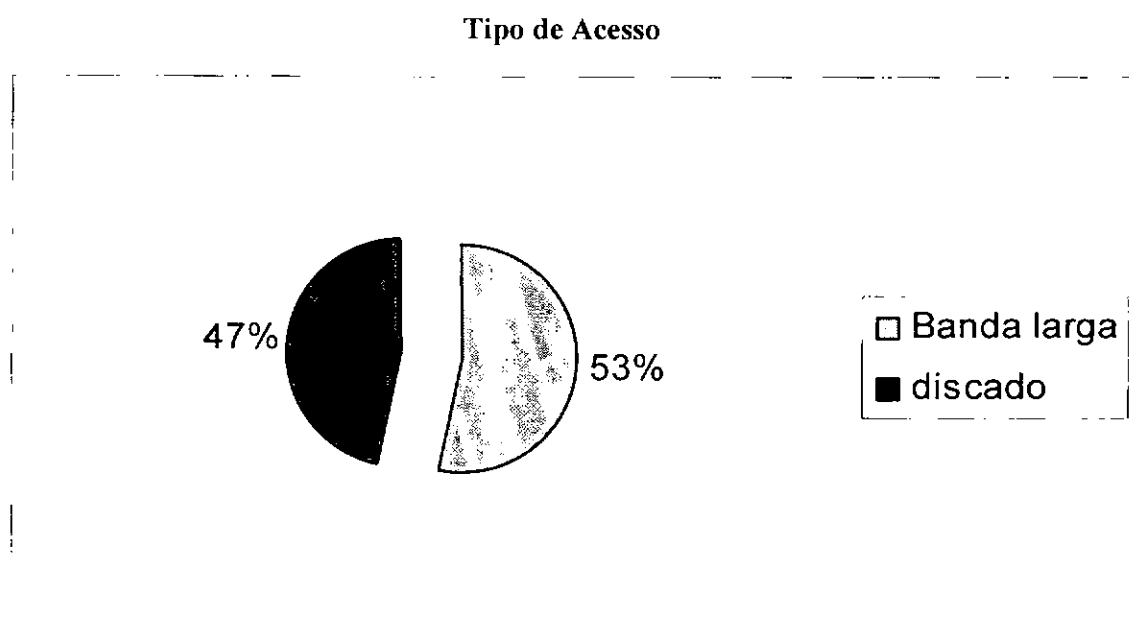


(Gráfico 1)



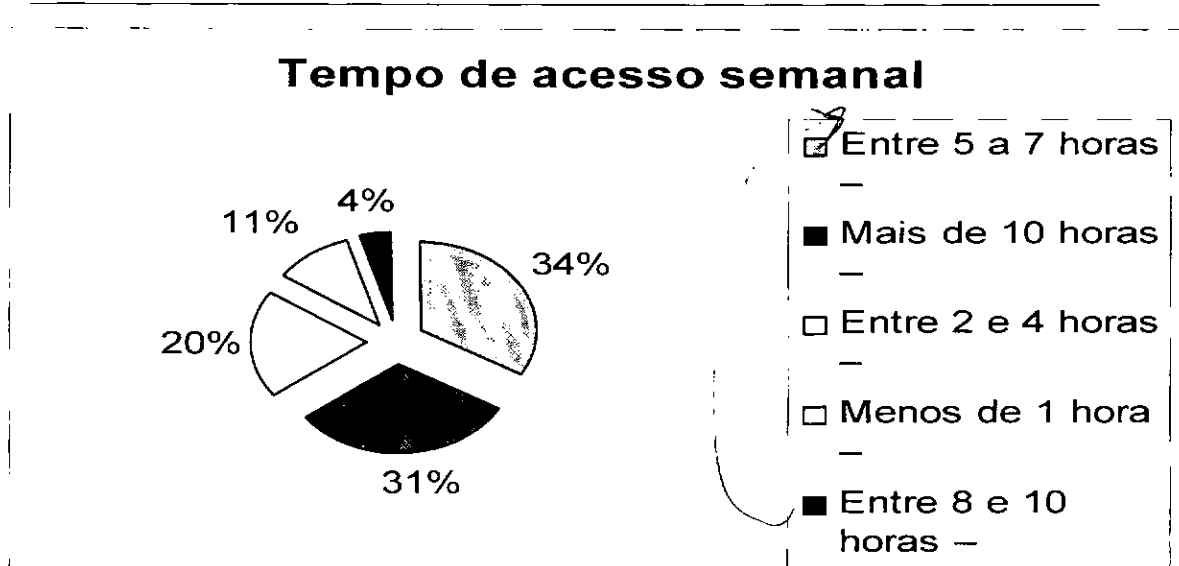
(GRÁFICO 2)

É importante ressaltar que um acesso não elimina o outro e, por esse motivo a soma dos totais ultrapassada 100%. Outro dado levantado fala sobre o tipo de acesso à Internet, sendo 53% banda larga e 47% discado. (Ver gráfico 3)



(GRÁFICO 3)

O acesso banda larga de certa forma possibilitou ao jovens ficar mais tempo online, já que esse serviço fixou uma taxa para o acesso à Internet, contagem diferente do serviço discado. Porém, de acordo com nossa pesquisa, eles ficam entre 5 e 7 horas semanais na Internet (29%) , ficando em segundo lugar mais de 10 horas semanais (27%). (ver gráfico 4)



(GRÁFICO 4)

5.1 – LINGUAGEM

De acordo com os dados coletados, notamos a presença de um repertório específico para a cultura Online, o que significa termos técnicos, gírias e estilo particular de comunicação em ambiente virtual. Houve a constatação da recorrência da linguagem abreviada e estilizada. Além disso, nossos levantamentos revelaram que, nos sites de comunicação da Internet, os jovens escrevem como falam e que esse tipo de linguagem foi naturalizado no espaço virtual. É visto como próprio da Internet. Fora dela, é considerado desvio ortográfico. Observamos também que a linguagem abreviada pode se tornar um vício de linguagem. Os resultados obtidos indicam que os jovens se policiam para não escreverem “errado” fora do ambiente virtual.

*Por que eles
fazem isso aqui?*

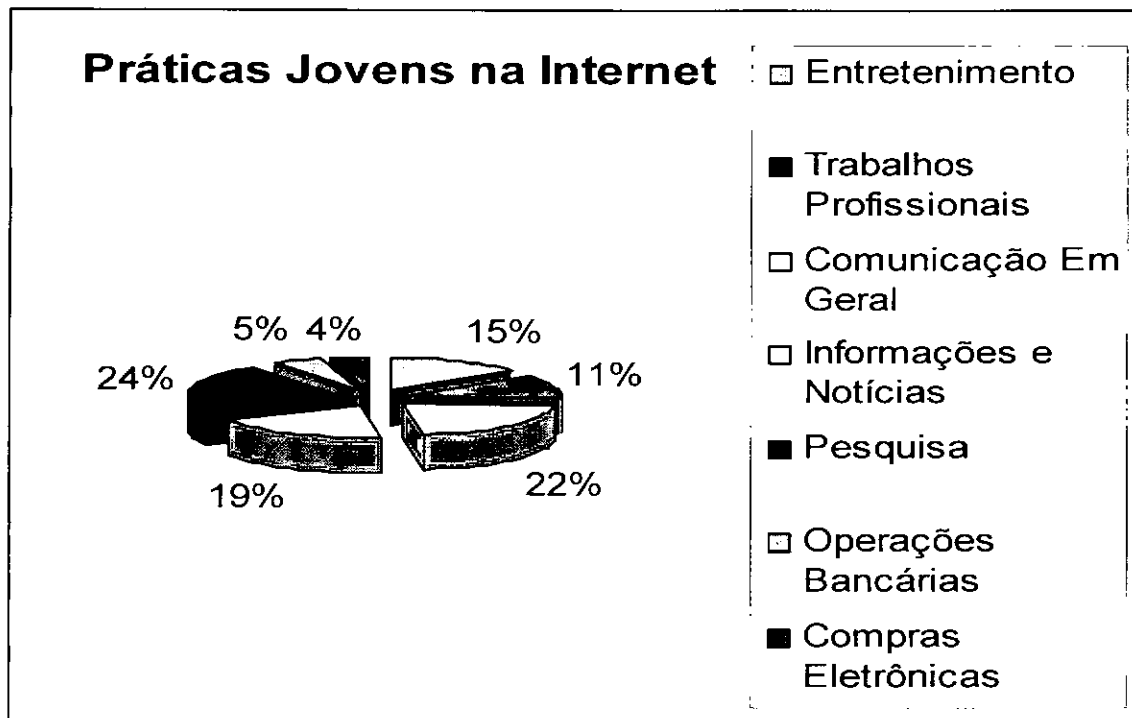
5.2 – CULTURA MIDIÁTICA

De acordo com entrevistas realizadas, constatamos que a noção de cultura midiática é pessoal. Isso significa que, para alguns alunos não existe diferença entre o mundo virtual e o cotidiano. Eles acreditam que ela é “a extensão do mundo real”.

Entretanto, essa visão coexiste com a ideia de que exista uma cultura midiática com práticas humanas anteriores a qualquer tipo de mídia, evoluindo através de novos suportes.

5.3 – PRÁTICAS JOVENS NA INTERNET – A PESQUISA

Através dos questionários e entrevistas aplicadas, concluímos até esse ponto da pesquisa que as principais relações que os jovens mantêm com a internet são, em primeiro lugar, a pesquisa seguida da comunicação (Orkut, Blog e MSN), que ocupou o segundo lugar. (Ver gráfico 5)



(GRÁFICO 5)

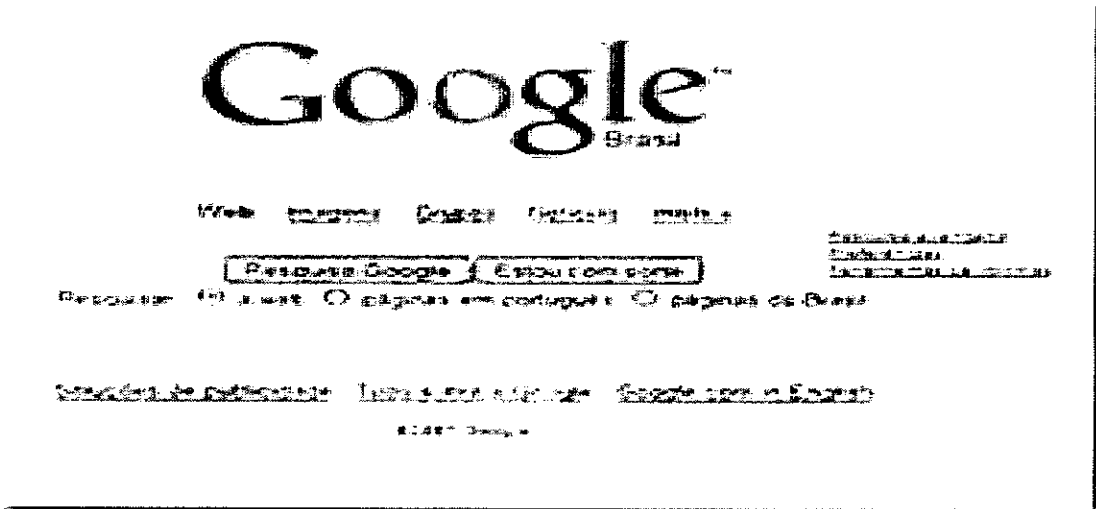
Quanto à pesquisa, fica bem claro que o livro não é mais a principal fonte de consulta dos jovens. O ambiente virtual contém uma infinidade de informações sobre inúmeros temas. Basta apenas utilizar um site de consultas para ter acesso a um enorme acervo sobre o tema desejado. A praticidade foi o fator que levou os jovens a optar por essa escolha. No entanto, muito do conteúdo disponibilizado na Internet não é confiável. Esse dado foi recorrente nas nossas entrevistas. Não foi levantado se os jovens utilizavam as informações virtuais apenas para consulta ou se “copiavam” tudo da Internet para seus trabalhos, mas pela vivência acadêmica, sabemos que esse fato ocorre, embora não saibamos precisar a frequência. De uma certa forma, o ato de “copiar” é anterior a Internet. Já se fazia isso com livros. Naturalmente a Internet facilitou, mas o problema não é o suporte e sim a mentalidade. A disponibilização e o livre acesso a esse conteúdo esbarram na questão da autoria e da propriedade intelectual. A nova economia tem de lidar

com questões como segurança, proteção de dados, padrões e imposição dos direitos de propriedade intelectual. Precisa se harmonizar com um espaço econômico definido por um ambiente de informação em rápida expansão e ainda relativamente aberto, ambiente em que ocorre o comércio, o comércio eletrônico; ambiente do qual ele depende.

Campeão de acessos em pesquisas online, o *Google* surge em 27 de setembro de 1998, nos Estados Unidos, onde encontra - se a sua sede. Conta com o trabalho de 7.942 funcionários e possui um rendimento líquido de \$ 14.000.000.000.

Sua Home Page é www.google.com.

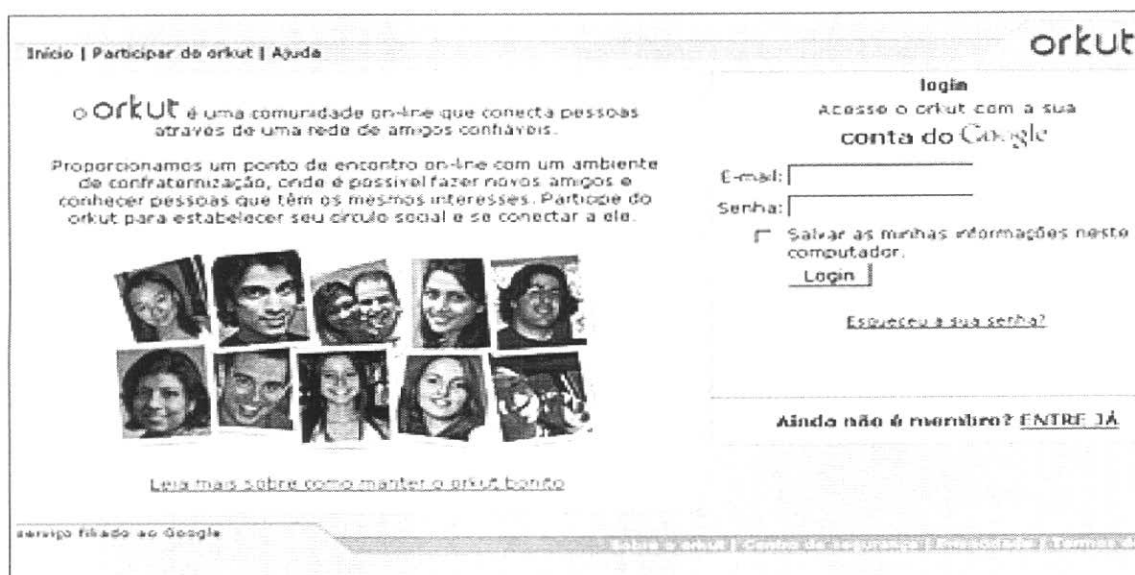
O serviço foi criado a partir de um projecto de doutorado dos então estudantes Larry Page e Sergey Brin da Universidade de Stanford em 1996. Este projeto, chamado de Backrub, surgiu devido à frustração dos seus criadores com os sites de busca da época e teve por objectivo construir um site de busca mais avançado, rápido e com maior qualidade de links. Brin e Page conseguiram seu objectivo e, além disso, apresentaram um sistema com grande relevância às respostas e um ambiente extremamente simples. Uma das propostas dos criadores do Google era ter uma publicidade discreta e bem dirigida para que o utilizador perca o menor tempo possível, sem distrações.



5.4 – COMUNICAÇÃO E PUBLICIZAÇÃO DA VIDA PRIVADA

Em nossa segunda colocada, anonimato é uma palavra proibida, cuja conotação é negativa. No Orkut os jovens reúnem informações e elementos capazes de construir a imagem desejada. Mostram – se como querem ser vistos. Essa escolha é carregada de subjetividade. Nossos dados indicaram que o ICQ, Messenger e outros programas de comunicação do tipo tem alta taxa de adesão e são usados para bate – papo e integração. Nesses programas, os jovens têm a capacidade de conversar com várias pessoas ao mesmo tempo sobre diversos assuntos. Essa é uma grande diferença da comunicação cotidiana, que permite a comunicação grupal, porém não sobre assuntos diferentes ao mesmo tempo. Outro atrativo apontado pelos jovens á possibilidade de encontrar os amigos a qualquer hora.

O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 19 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google.



Entenda como funciona:

Perfil

Cada usuário no Orkut tem um perfil próprio que é dividido em três partes:

Social

Social ou geral o usuário pode falar um pouco de si mesmo, além de características como gostos, livros preferidos, músicas, programas de TV, filmes, etc.

Profissional

Seleção da atividade profissional com informações sobre seu grau de instrução e carreira.

Pessoal

Apresenta o perfil pessoal do indivíduo de forma a facilitar as relações interpessoais. Apresenta informações físicas, e sobre o tipo de pessoa que ela gostaria de se relacionar, ou mesmo até mesmo namorar/casar.

Amigos

Cada usuário tem um grupo de amigos que pode chegar a, no máximo, 1.000 pessoas (o número foi instituído para evitar abusos - podendo ser ultrapassado devido a bugs no sistema). O usuário pode classificá-los como: desconhecido, conhecido, amigo, bom amigo e melhor amigo. Cada amigo tem outro amigo, e dessa maneira cada usuário do Orkut é ligado de algum modo com todas as pessoas através dessa rede social. Eles

ainda podem ser divididos em grupos, os quais os usuários de mesma os criam para poder organizar melhor sua listagem de amigos.

Alguns dados estatísticos

1 - O sistema possui atualmente mais de quarenta milhões (46.554.372 em 13/03/2007) de usuários cadastrados.

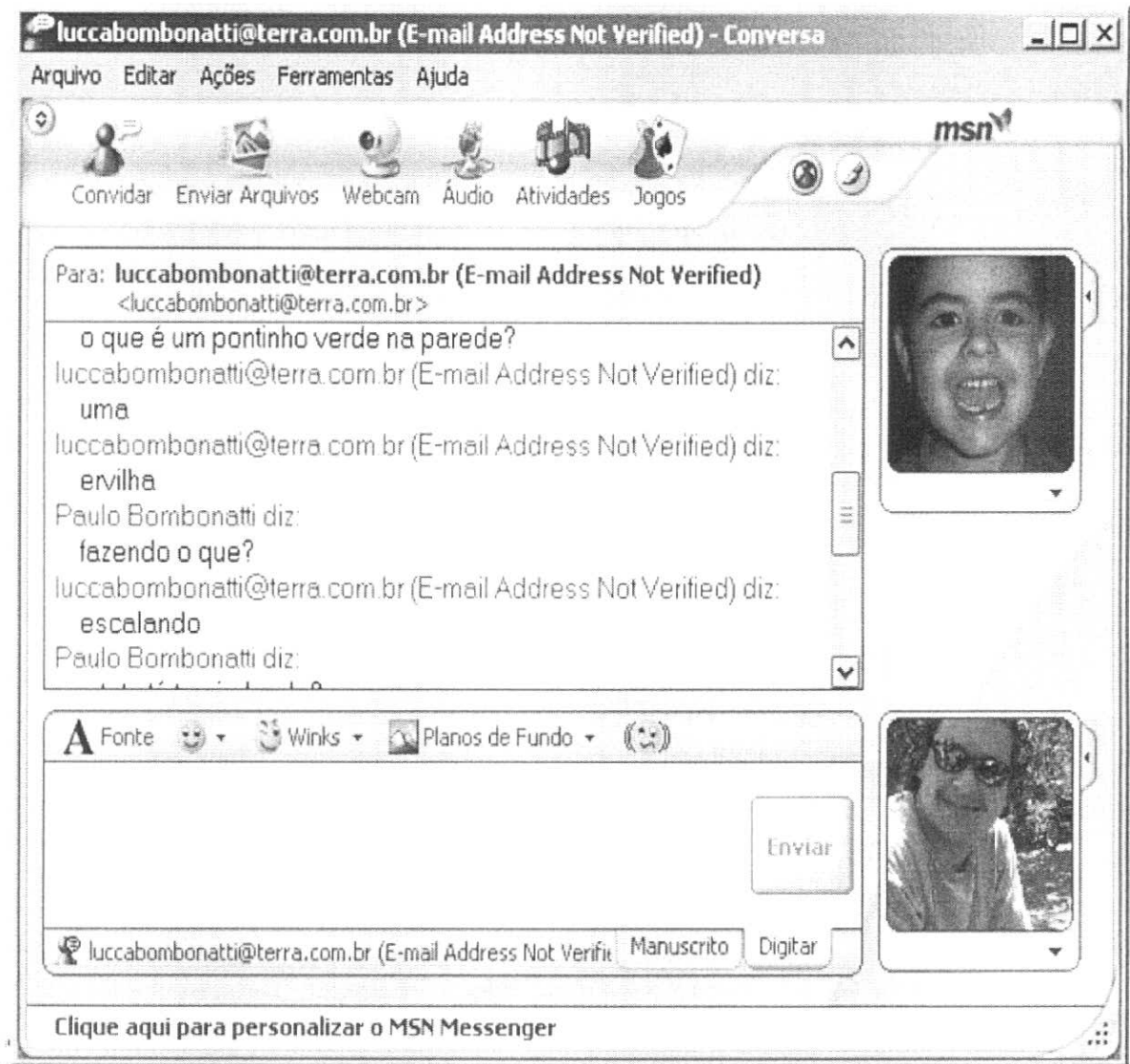
2 - O Brasil é o país com o maior número de membros, superando inclusive os EUA. Cerca de 58,27% dos usuários do sistema, aproximadamente 18 milhões de usuários, declaram ser brasileiros. Na verdade esse número não apresenta muita exatidão, já que muitos membros criam mais de um perfil por usuário, ou declaram residir em outros países, graças a um hoax pregando que se você declarasse ser de um outro país que não fosse Brasil o sistema ficaria mais rápido e erros e bugs iriam diminuir. Isso acabou sendo provado incorreto, pois a alocação de banda é feita por endereço IP, e a lentidão no sistema acontecia somente em horários de pico. Os EUA são o segundo país com o maior número de membros, possuindo uma fatia de 17,12%, o que equivale a cerca de 4 milhões de usuários. Entre os EUA, o estado que mais participa é a Califórnia, com cerca de 19,52%, seguido por Nova Iorque com 9,04% e Flórida com 7,78%.

3 - As pessoas mais jovens têm mais interesse no Orkut. Aproximadamente 56,63% são pessoas que tem de 18 a 25 anos. Porém esse número não é real, pois pessoas menores de 18 anos também participam da rede, colocando idades incorretas, ou mesmo nem pondo a data do nascimento. Pessoas de 26 a 30 anos têm o segundo colocado em participação de idades com 13,11%, (este número apresenta maior exatidão).

4 - Em média, a cada 12 dias, 1 milhão de novos usuários ingressam no Orkut por meio de convites enviados por email.

ICQ e Messenger

Programa de comunicação instantânea pela Internet que foi o mais popular durante anos. A sigla é um acrônimo feito baseado na pronúncia das letras em Inglês (I Seek You), em português, "Eu procuro você". O ICQ foi o pioneiro desta tecnologia tendo sua primeira versão lançada em 1997 por uma empresa israelita chamada Mirabilis, fundada por Yair Goldfinger, Arik Vardi, Sefi Vigiser e Amnon Amir.



Em 1999 a AOL adquiriu a Mirabilis englobando o serviço. A empresa nunca se definiu sobre seu mensageiro instantâneo padrão e desenvolveu seu próprio: AIM ou AOL Instant Messenger. Esse é outro motivo da queda no número de usuários do ICQ e do crescimento e hegemonia do MSN Messenger nos últimos anos. Porém o ICQ continua ativo com uma equipe apresentando novas versões regularmente e com opções inovadoras como a troca de mensagens SMS de telefones celulares.

Voltando às práticas jovens, a Internet pode promover novas atitudes, imprimir novos “modos de ser”, não apenas porque qualquer um pode ter acesso a informações ou porque pode facilitar a interação com um outro (virtual), a qualquer tempo e lugar, mas porque criar, distribuir, disponibilizar informações está ao alcance de todos. A popularização da Internet teve como consequência direta o aumento do número de produtores de informação (sites, blogs, fotologs, listas de discussão, videologs, etc.) e se tornou palco para a manifestação de opiniões, versões, visões, pontos de vista, que rapidamente podem ser repassados, alterados, reconstruídos, revitalizados, abandonados (porque já se encontram ultrapassados). Esse espaço interativo de construção de conhecimento e constituição de subjetividade conduz a novas práticas de estar com o outro e de se conhecer.

Vivendo um período de aceleradas e significativas mudanças sociais – em âmbito global ou local – e problemas tais como desemprego, desigualdades de renda, conflitos étnicos e religiosos, desesperança política, poluição, pobreza, lacunas de informação que afetam as condições de vida e as perspectivas da população jovem, a velocidade e a quantidade de informações e imagens, sempre crescentes, impõem o desejo de fixar o tempo. De cercá-lo de sentidos afetivos e culturais. De articular fragmentos de imagens e de textos que constituem sua história. De afirmar um modo de ser, de pensar, de agir. De

criar um discurso que o constitui. A escrita de si mesmo – a publicização do privado – para lidar com o público, com o outro, como forma de inscrição no social.

É nesse sentido que as práticas humanas aparecem com força total. Constatamos a necessidade de atenção, integração, aceitação, de afeto, sexo, admiração, manifestações individualistas, egocêntricas e de outras tantas presentes no que os jovens possuem de mais íntimo. De acordo com nossa pesquisa, só no site de relacionamentos Orkut, obtivemos alguns resultados que demonstram essa idéia. Apesar de terem sua vida privada publicada nesse site, algumas de seus usuários não gostam de terem suas vidas expostas e tentam se proteger com ações, como apagar recados, não ter comunidades, etc. Porém, a contradição se explica pela necessidade de “bisbilhotar” a vida alheia, confirmando a tendência voyeur. Isso reforça a sociedade de controle, descrita por Foucault. Outro fato recorrente foi a questão da integração, uma das necessidades humanas. Aqui encontramos uma vaidade dos jovens: o número de amigos. Quanto mais amigos, melhor. Isso demonstra a necessidade da popularidade.

Do outro lado estão os exibicionistas, que sentem prazer em publicizar suas vidas, colecionando recados, admiradores, comunidades e também amigos. Nesses programas os jovens revelam seus gostos pessoais, desejos mais íntimos, projetam – se em identidades cobiçadas, admitem fraquezas e defeitos. É nesse espaço, aliado às informações que os usuários disponibilizam na página inicial, que elas se apresentam, com ou sem máscaras, de forma intensa e íntima para quem quer que seja. No Orkut os jovens reúnem informações e elementos capazes de construir a imagem desejada. Mostram – se como querem ser vistos. Essa escolha é carregada de subjetividade.

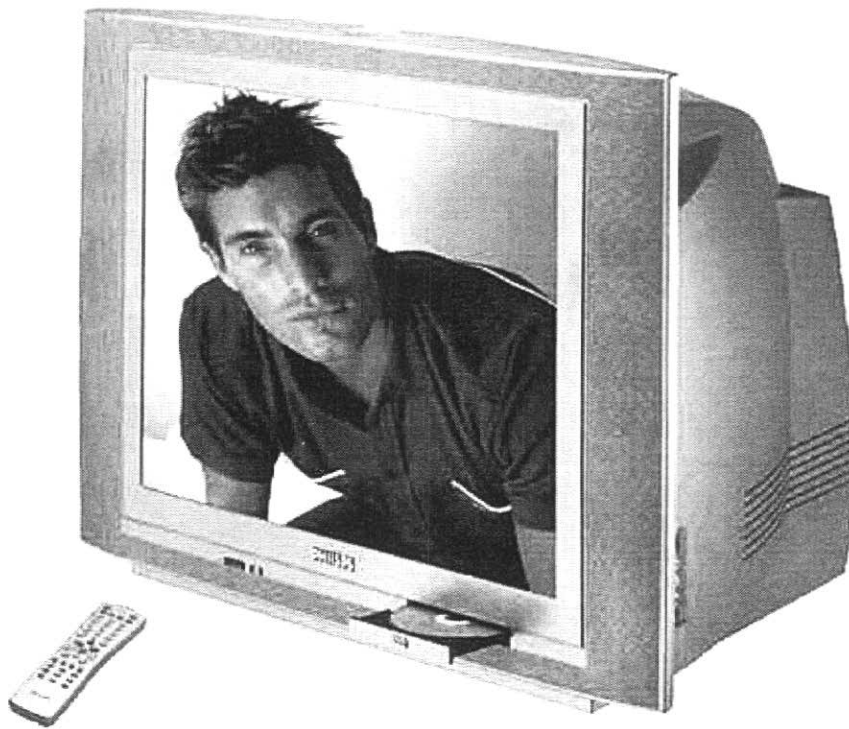
Já o uso do Blog é menor e diferente do Orkut. Geralmente é onde os jovens manifestam suas emoções, falam de si, de momentos pelos quais estão passando. Mais fáceis e rápidos de serem produzidos e operados que os sites, os blogs são uma espécie de

diário virtual utilizados para afirmar opiniões, apresentar comentários ou disponibilizar, a um público infinito, qualquer criação (do próprio autor ou de terceiros) – textos, poemas, artigos, desenhos, fotos, vídeos – e ainda, recomendar outros através de links. Além de expressar sentimentos e opiniões, buscam encontrar outros com quem possam se associar. Muitos são baseados nos blogs dos ídolos preferidos ou estimulados pelos provedores que oferecem serviços de construção gratuitos. Já há instituições que estimulam a publicação de trabalhos ou a produção de conteúdos para dispor em sites ou em blogs coletivos, institucionais ou individuais.

A principal razão de discutirmos esse assunto, que surgiu através do mapeamento das práticas dos alunos da Unirio, é a constatação e a posterior análise da necessidade emergente desses jovens em serem vistos, de falarem de si. Naturalmente esse é um fenômeno que resulta dos parâmetros da sociedade do espetáculo, porém, os educadores de certa forma contribui para o processo de “apagamento” dos alunos.

Experiências no curso de jornalismo da UFF têm dado certo para reverter esse processo. Disciplinas laboratoriais sugerem a escrita de si mesmos nos textos e a discussão de observações cotidiana dentro dos conteúdos acadêmicos. Na Unirio, palco do nosso estudo, também encontramos metodologias interessantes nesse sentido. Trabalhos são feitos a partir dos interesses dos alunos, envolvendo a mídia. Existe uma habilitação chamada “Educação e Comunicação”, que é optativa, porém é feita por grande parte dos alunos do curso. Eles reconhecem a importância da apropriação dessas linguagens na educação. A procura crescente por esta habilitação no curso de pedagogia pode acarretar em uma futura mudança de ideologia dos educadores, que tendem a ficar mais críticos e menos resistentes a questão da mídia no ensino. Ainda assim, a Unirio está longe de chegar ao patamar defendido aqui, assim como a maioria das instituições educativas por motivos já discutidos anteriormente.

6 - A TELEVISÃO



As pesquisas responsáveis pela criação do aparelho de comunicação, denominado televisão, se iniciaram no ano de 1817, quando o sueco Jakob Berzelius descobriu que o selênio era capaz de deixar passar eletricidade e, por essa característica, poderia sofrer modificações.

A primeira grande transmissão pública da televisão foi política: um discurso de Roosevelt em 1937, nos Estados Unidos. Só por volta de 1944, começaram a aparecer aos programas televisivos, que eram geralmente de culinária ou infantis.

A televisão brasileira foi inaugurada oficialmente, no Brasil, no dia dezoito de setembro de 1950, pela TV Tupi, em São Paulo. E o responsável pela implementação da primeira emissora de televisão, no país, no caso a TV Tupi, foi Assis Chateaubriand.

No início da televisão no Brasil, muitos não tinham condições financeiras para adquirir o aparelho, por isso, se desenvolveu uma nova forma de interação social, onde

famílias inteiras se organizavam na casa de amigos e parentes a fim de assistirem a programação. Era a televisinha. Naquela época, todos os programas eram produzidos ao vivo, o que permitia improvisações fantásticas.

Com o tempo as programações foram se modificando, e com elas novas críticas foram surgindo, críticas essas que variam desde a concepção de uma televisão que surgiu para dominar e alienar a população, até a visão de que este aparelho apareceu a fim de oportunizar a democratização da informação, antes restrita a grupos privilegiados.

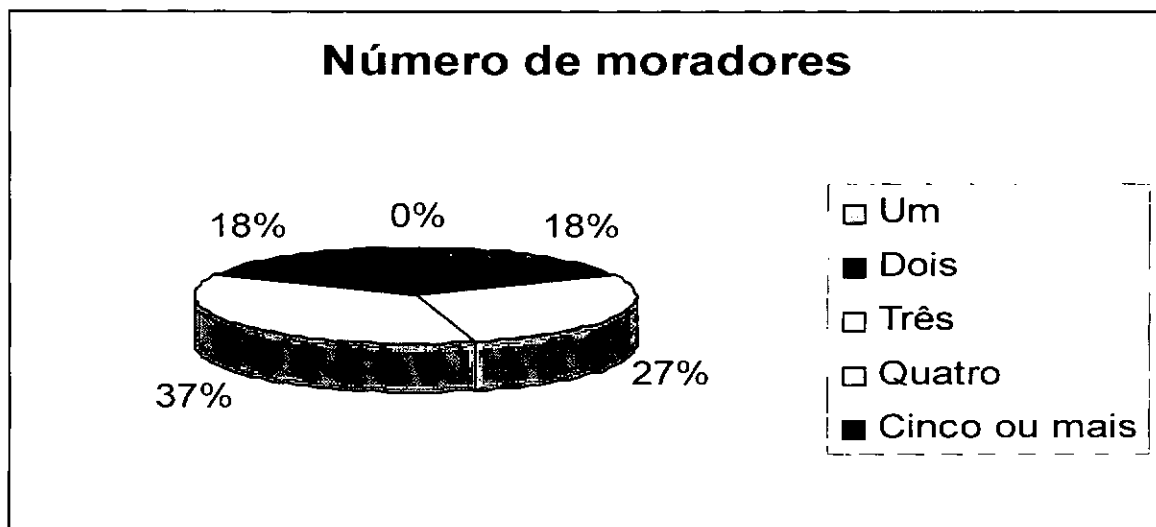
Na verdade as influências da televisão são determinadas de acordo com o uso que fazemos dela. Por isso, se faz necessária a construção de uma visão crítica acerca da programação televisiva. Afinal, a receptividade das mensagens televisivas depende de diversos fatores sociais e culturais. E a visão crítica possibilita ao indivíduo ser capaz de selecionar os programas produzidos com fins lucrativos e de alienação, daqueles desenvolvidos com o objetivo de real experiência crítica.

A televisão é componente ativo da tecnologia moderna, e usada com sabedoria e responsabilidade, pode se tornar um grande veículo de conhecimento para as crianças e os jovens.

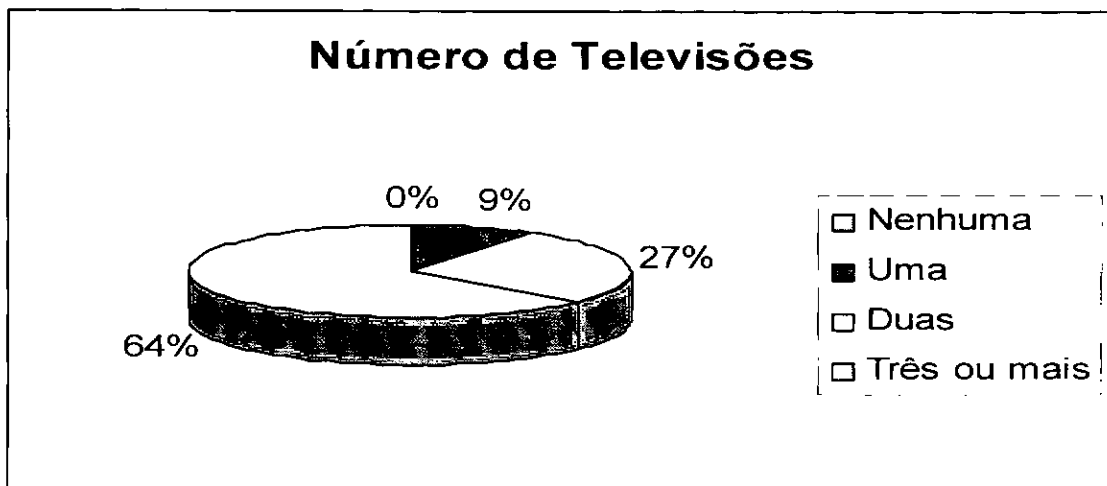
O professor deve estar preocupado, não no uso da televisão como preenchimento do tempo livre, mas com a possibilidade de formação de telespectadores conscientes, capazes de questionar a programação televisiva sob o prisma da ética e da cidadania, de modo a viabilizar a leitura crítica da televisão.

6.1 - PRÁTICAS JOVENS NA TELEVISÃO

A televisão é um veículo de comunicação bastante democratizado em nosso país. Não é tão fácil encontrar uma pessoa que não tenha pelo menos uma TV. No entanto, até hoje continua gerando exclusões tecnológicas, embora não tão graves quanto a internet. A TV digital inaugura uma nova geração desse aparelho e se constituiu em um símbolo de status. A vantagem é que tanto a moderna quanto a antiga exibem a mesma programação, caso considerarmos condições iguais entre os espectadores. Com base nos resultados levantados, nosso público alvo ainda encontra – se distante da nova versão, com apenas 27% de acesso. Nossa pesquisa também revelou que grande parte dos alunos divide a residência com mais três pessoa e possuem três ou mais televisores. Confira os gráficos abaixo:

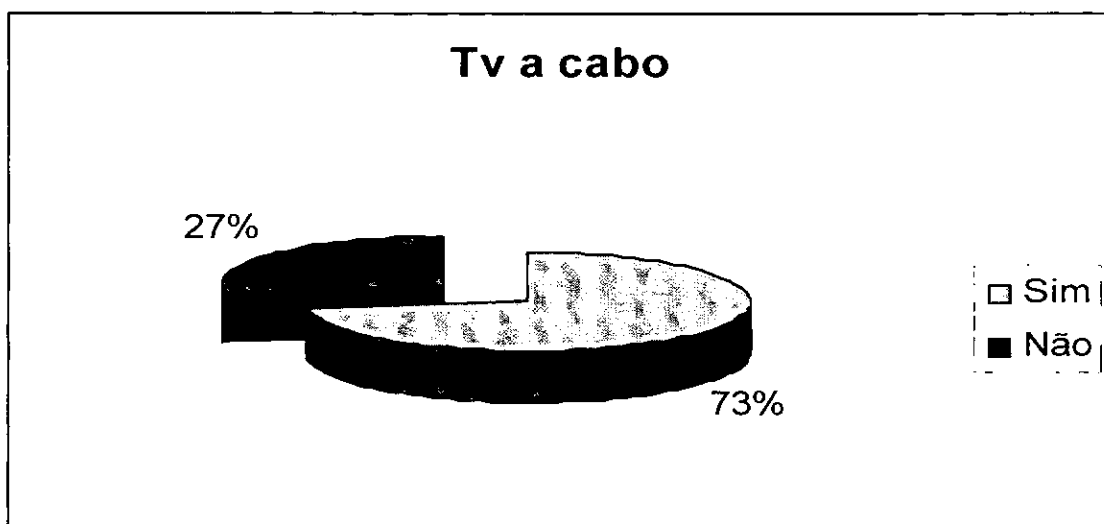


(GRÁFICO 6)

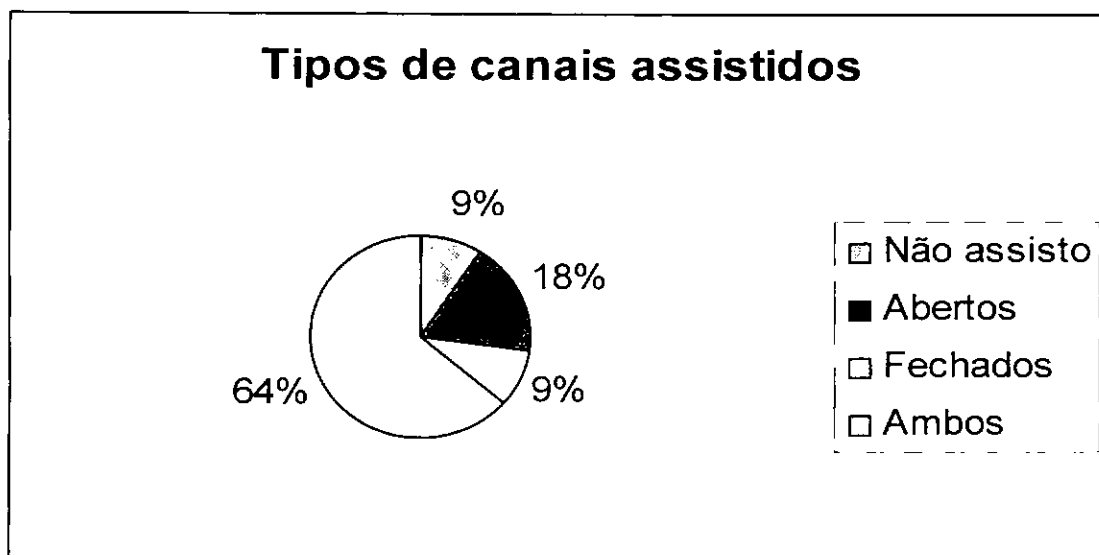


(GRÁFICO 7)

A TV a Cabo também é outro fator que diferencia o público do mesmo veículo. Ocorre aqui uma valorização da programação em canais fechados em detrimento do conteúdo aberto. No curso de Pedagogia, os alunos possuem um alto índice de assinaturas, com 73% de acesso. Contudo, 64% afirmaram que assistem indiscriminadamente às duas modalidades. Ver abaixo:

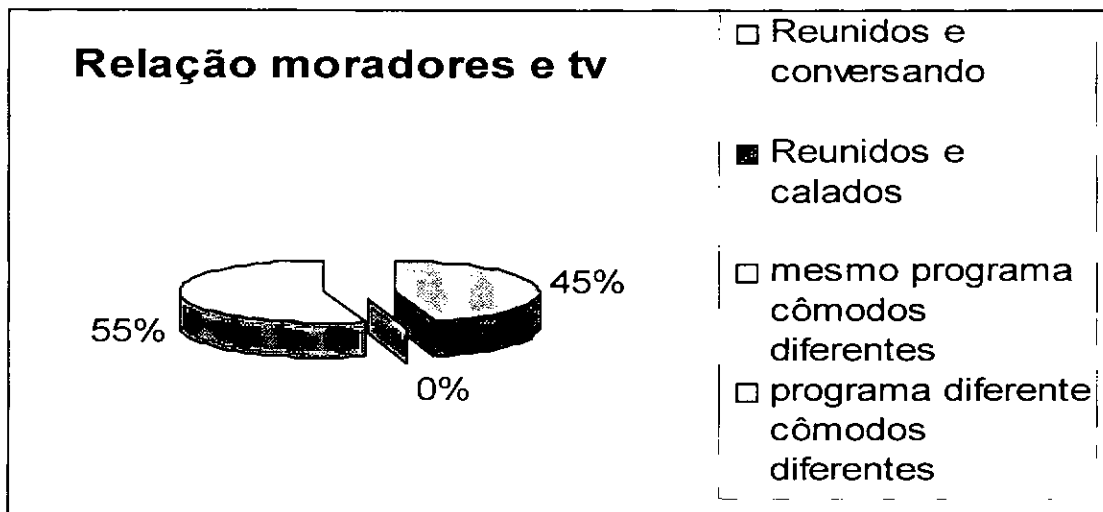


(GRÁFICO 8)

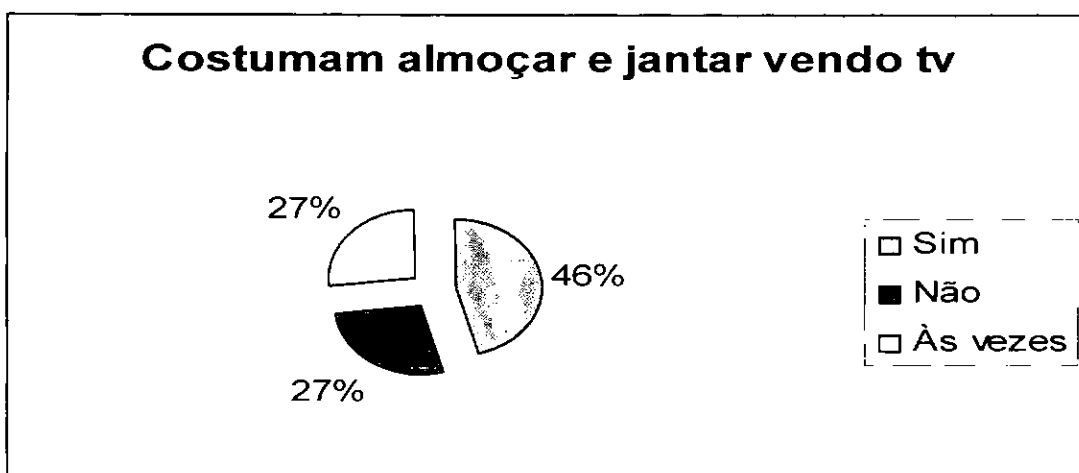


(GRÁFICO 9)

A televisão quando surgiu, em 1950, provocou mudanças em alguns hábitos familiares. No início ela promovia a integração social devido ao pequeno número de aparelhos nas casas. As pessoas costumavam reunir – se em residências que possuíssem a TV. Com a democratização do meio, a “televisinha” cai em desuso e as famílias passam a reunir – se em suas salas para assistir à programação. Com o tempo, o número de televisores por casas aumenta e cada morador passa a assistir os programas de sua preferência em cômodos diferentes. As tradicionais reuniões à mesa também perdem lugar para as refeições no sofá. Nosso estudo detectou essa nova configuração, embora os dados mostrem uma grande parcela de famílias que assiste TV reunida e discutindo o conteúdo do programa.



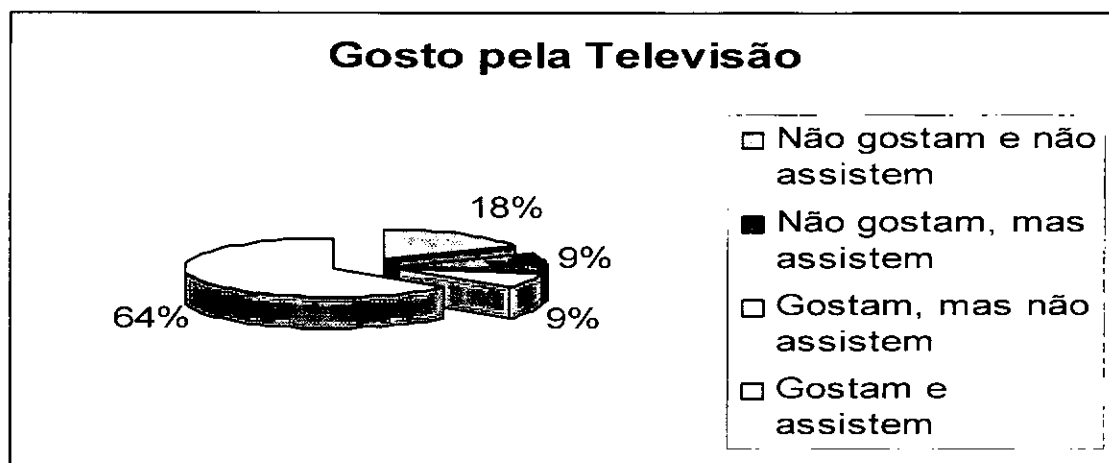
(GRÁFICO 10)



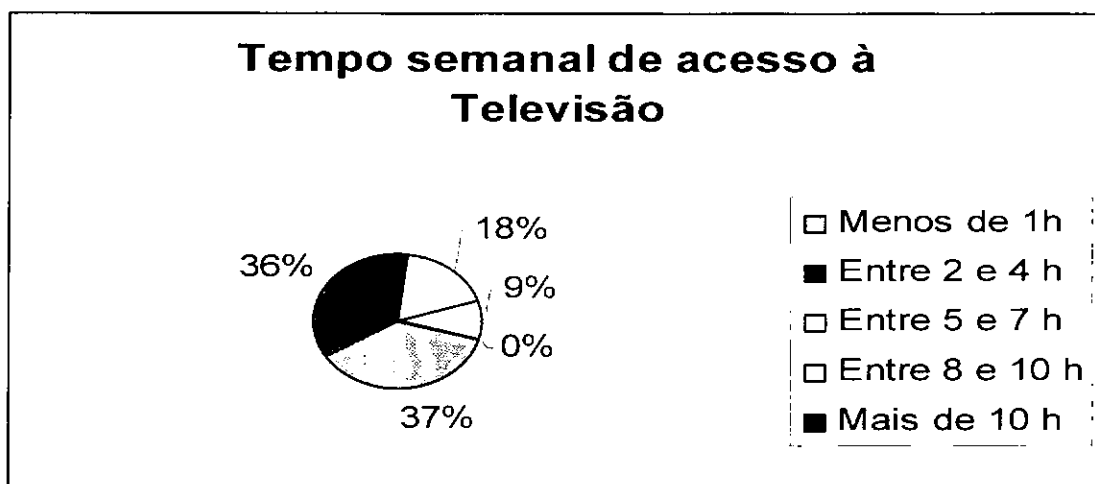
(GRÁFICO 11)

Há muitos estudos sobre esse meio de comunicação de massa. Muitos deles destacam as funções da TV e, de um ponto de vista crítico, atribuem a ela um caráter ideológico. Essa visão permeia o imaginário de alguns docentes do Curso, conforme foi dito anteriormente. No entanto, os jovens estudantes, separam as duas coisas. Conforme o levantamento realizado, concluímos que eles aliam a visão crítica (37% consideram a TV

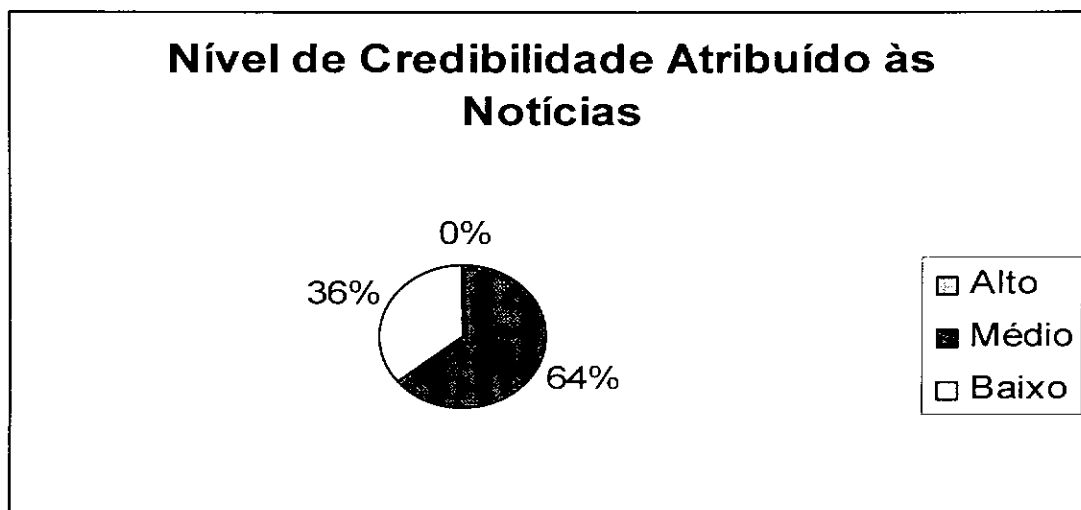
uma mídia basicamente ideológica) ao consumo desse aparato como “um ótimo passatempo” (55%). Tempo esse que oscila entre menos de uma, duas e quatro horas de acesso. Devido a TV ser considerada ideológica pelos alunos, a credibilidade das notícias naturalmente sofre um abalo para eles. Porém, eles admitem também o gosto por esse veículo de comunicação, conforme veremos a seguir:



(GRÁFICO 12)

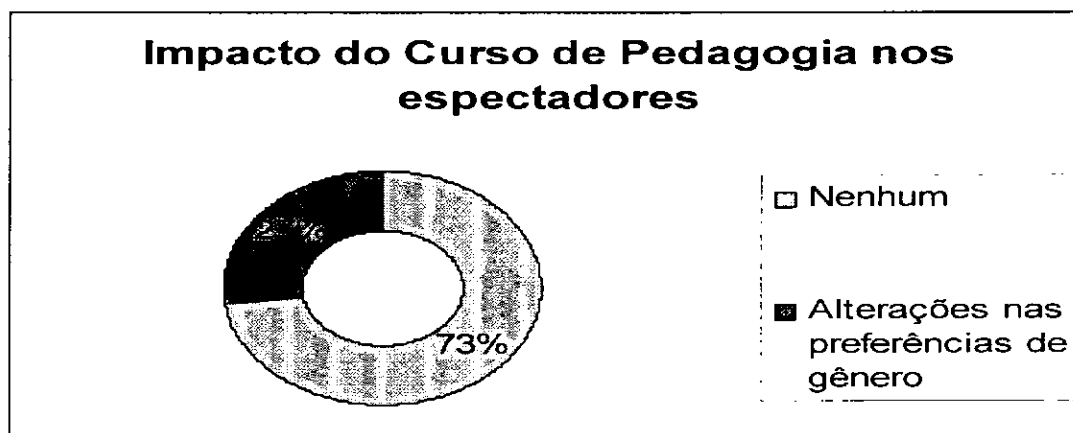


(GRÁFICO 13)



(GRÁFICO 14)

No que diz respeito à qualidade atribuída às modalidades televisivas, a TV a Cabo foi considerada “boa” pela maioria dos estudantes, enquanto a aberta foi classificada como “ruim”. Um dado, no entanto, comprova nossa tese inicial que os educadores rejeitam a discussão da mídia na educação. É quase unanimidade a opinião dos alunos de que o Curso de Pedagogia não influenciou em *NADA* suas relações com a televisão. Isso é muito sério quando conclui – se que um docente em formação apresenta as mesmas práticas e idéias sobre a mídia que um adolescente do segundo grau ou até mesmo a de uma criança, se voltarmos à forma com que eles pesquisam na internet.



(GRÁFICO 15)

Mapeamos as preferências individuais pelos conteúdos televisivos. Obviamente encontramos oscilações entre os gostos. Porém, buscamos generalizar os dados obtidos e concluímos que os gêneros mais populares entre os alunos são os filmes, os telejornais, os desenhos animados, as novelas e os reality shows.

Antes de entrarmos novamente no foco da publicização da vida privada, vale ressaltar o desafio de falar em cultura de massa dentro de um curso clássico como o de Pedagogia, que tende a desmerecer esse tipo de discussão. Contudo, é enriquecedor investigar um tema presente no cotidiano e mais ainda se ele desorganiza as bases do que já está construído no cognitivo de cada um. A atitude científica requer questionar a realidade e desvendar o desconhecido ou o que não conhecemos por puro preconceito.

A adesão ao fenômeno da publicização da vida privada começa na televisão com os reality shows. Campeões de audiência e de crítica, eles capturaram a atenção de um público curioso em observar os programas que se pautavam na “vida real”. Todos esses programas têm em comum a fusão do espaço público com o privado.

As relações de identificação do público com os “atores” se dão à medida que ele se sente representado na TV. O sujeito da telinha vive os mesmos dramas, dilemas, alegrias, tristezas e pensamentos do espectador. A partir daí, as atitudes do “ator” poderão servir como referenciais para o público. A curiosidade também é um importante ingrediente responsável pelo sucesso do gênero.

Os jovens pesquisados sentem grande interesse por esse tipo de programa, porém, a maioria não demonstrou vontade de participar de um reality show por não gostarem de se expor. Os que admitiram o contrário alegaram atraírem – se pelo prêmio.

Fazendo uma comparação com a internet, podemos perceber que a vontade de observar é comum aos dois. A diferença é que a disponibilidade para ser observado varia

de acordo com a mídia. Os jovens não se sentiriam à vontade em se expor em ambiente televisivo, enquanto na internet essa prática cresce cada vez mais.

Com isso, é importante que os educadores percebam que o processo educativo não envolve apenas ensino e aprendizagem, mas também fatores psicológicos como integração, ego, necessidade de afeto, popularidade e aceitação. Revelando suas intimidades, reais ou imaginadas, os jovens manifestam um desejo enorme de falarem de si mesmos, de serem vistos. Os trabalhos acadêmicos totalmente abstratos e o distanciamento na rotina do ensino contribuem para a manutenção do apagamento do aluno como sujeito. A união entre tarefas científicas e cotidiano, por exemplo, seria um dos caminhos passível de serem seguidos para dar voz ao aluno.

7 – A IMAGEM NA EDUCAÇÃO

Outro assunto não muito abordado hoje pela escola é a relação entre imagem e educação. Nesse estudo, a abordagem será limitada ao uso que os alunos de pedagogia da Unirio fazem das imagens, dentro do fenômeno de publicização da vida privada. Porém, para entender esse assunto, faz – se necessário conhecer primeiro o uso histórico do homem pelas imagens.

O homem é um ser simbólico e tem a necessidade de representar a realidade onde vive. Segundo John Berger, ver precede as palavras. Antes de utilizar a linguagem oral, os homens utilizavam formas primitivas de linguagem para representar o mundo. Os gestos foram importantíssimos para o desenvolvimento da linguagem oral. Assim como os nossos ancestrais, as crianças também se utilizam de outros recursos lingüísticos, anteriores aos orais, mas não menos complexos.

Benjamin chama a atenção para o gesto do apontar , capaz de substituir uma fala oral ou escrita sem deixar lacunas na comunicação. Já no campo da psicologia, estudiosos adeptos à corrente da Gestalt descobriram o fenômeno do insight, presente nas crianças que ainda não dominam a linguagem verbal, que identificam uma imagem pela sua composição. Ex: Ao ver um letreiro em forma de um M amarelo, identifica – se o símbolo do Mc Donald's. Unindo esses dois conceitos, uma criança poderia perfeitamente ler o símbolo do Mc Donald's, apontar para ele e, apenas com um gesto dizer que gostaria de um lanche. Tudo isso sem uma palavra.

No entanto, o ato de ver vai além da compreensão da relação entre significante e significado. De acordo com Berger, há uma troca com o espectador. Para ele, a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. O significado que um objeto ou uma imagem traz é definido pelo o que compõe a nossa subjetividade.

Ex: Para algumas pessoas, a figura do gato preto traz um significado ruim, para outras não. Para uns, a imagem da bandeira dos Estados Unidos é motivo de repulsa, enquanto que, para outros, é motivo de orgulho ou admiração. Um outro exemplo é a exposição Erótica, apresentada em 2006, no Rio de Janeiro. Suas telas, representadas por uma série de pintores, entre eles nomes de peso como Ismael Nery e Pablo Picasso, provocaram a admiração de uma parte do público e choque de outra, mais conservadora.

Além disso, Berger afirma que nunca olhamos para algo apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos e que o diálogo nada mais é como uma forma de alguém manifestar como vê as coisas. Segundo a concepção da teoria mimética, as raízes verbais seriam simplesmente transposições sonoras dos antigos gestos espontâneos. A partir de tais teorias, a fala imitaria o gesto, e este corresponderia a um instinto animal fundamental – O movimento mimético e expressivo por meio do corpo.

Assim como o diálogo, a própria imagem é uma visão pessoal de compreensão da realidade. O homem direciona o seu olhar e escolhe um foco entre tantos outros de tudo que o rodeia. Transfere o seu olhar para aquele recorte, carregado pela sua subjetividade. Isso explica as diversas conotações de um mesmo objeto, ao longo da história. Um exemplo bem interessante é a mulher, que recebe diferentes “olhares” ao longo de sua representação em imagens, assunto que será abordado mais adiante. É por essa razão que a leitura visual recebe diferentes interpretações, dependendo do local, do período histórico e do seu espectador.

Ainda em relação a isso, podemos notar a subjetividade e o recorte das imagens hoje espalhadas pelo ambiente de rede, mais conhecido como internet, nos Blogs e nos álbuns de fotografias do Orkut. Não só os sujeitos das imagens variam de um para o outro, mas o recorte. Percebem – se nitidamente as relações entre imagem e subjetividade, sendo

esse fator um indício que permite que se conheça um pouco dos sujeitos da imagem sem sequer te – los conhecidos.

Estas considerações atentam para a necessidade de desenvolvimento e aquisição de um domínio cada vez maior de linguagens e códigos, para o convívio pessoal e para as interações via mídia eletrônica. As discontinuidades da sociedade contemporânea, apontam para a comunicação e produção de conhecimento tendo como referência as diferentes linguagens e a “remodelação das consciências”(Quéau, 2001).

São por essas razões que os educadores devem ficar atentos a essas discussões. Não se pode educar sem levar em consideração o contexto que envolve os educandos, que se manifesta nos gestos, nas atitudes e nos discursos dos alunos. A partir do momento em que os espaços de ensino perceberem isso, poderão fazer uma relação satisfatória entre mídia e educação, sem correr o risco de “pedagogizar” as tecnologias de informação e comunicação, recorrendo a elas apenas como recursos didáticos. Ao mesmo tempo, desenvolverão o espírito crítico dos alunos, fazendo com que a discussão sobre os conteúdos midiáticos transcenda da esfera do senso comum para a científica. Enfim, cumprir plenamente o seu papel educativo.

8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de mídia é um assunto complicado. Falar de mídia na educação é mais complicado ainda. E quando se trata de um tema inserido dentro da cultura de massa, é um desafio maior ainda. Por isso mesmo é tão fascinante. Não haveria graça em realizar um trabalho que alimentasse o discurso de sempre. O bom é percorrer caminhos desconhecidos e enfrentar os obstáculos pela frente.

Talvez esse seja um dos motivos desse trabalho ultrapassar o número de páginas que deveria. Peço perdão pelo excesso, porém, quando se assume a responsabilidade de tratar de um assunto tão polêmico, é preciso munir – se de muitos argumentos para se a tese possa se manter viva. Ela precisa ser forte, sem lacunas e isso requer muito estudo. Não basta apenas estudar os teóricos que se identificam com o assunto, mas também os que não se identificam, caso contrário, não haveria contra – argumentos.

Outro motivo é ser esse o tema da minha pesquisa, fruto de dois anos de trabalho árduo e extremamente gratificante. Pude enfim, realizar o sonho de cursar uma carreira ótima em uma universidade federal e ainda participar de um núcleo de pesquisa acadêmica, que tanto contribuiu na minha formação.

Apesar deste ser um trabalho científico, eu, como representante do grupo que pesquisei e do qual faço parte, faço questão de misturar a ele as marcas da minha experiência acadêmica, porque ele é, além da junção entre bibliografia e trabalho de campo, o resultado de vivências que eu jamais esquecerei. Aqui você também encontra as reuniões nos bares, os amores, a amizade com colegas e professores, as viagens, os eventos culturais no CLA, enfim, tudo que foi vivido até a fase de entregar a monografia e despedir – se de uma fase que nunca mais volta. Tudo isso, assim como o próprio trabalho, ficará arquivado. Talvez seja por isso também que a monografia seja um fantasma para

tantos alunos. Não é que só a dificuldade que ela requer para a tarefa ser cumprida. É, principalmente, o que ela significa para tantos jovens. Mesmo para aqueles que desejam se livrar logo da faculdade, o fim da monografia representa o fim do curso. Representa o ingresso no mundo “adulto” e representa o despertar de um sonho bom para quem sonhava. Só para quem sonhava....

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **A Antiguidade grega: a paidéia**. In: ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 2000.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena P. **Filosofando – Introdução à Filosofia**. São Paulo: [s.n.], [19__?].

BARBERO, Jesús Martin. (2003): **Globalização comunicacional e transformação cultural** in Moraes, D. **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica**. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da Cultura de Massa**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.mec.org.br/> . Acesso em 12 de agosto de 2007.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. voll. São Paulo: Paz & Terra, 1999.

COSTA, Cristina. **I Era midiática – a ficção audiovisual**. In: _____. **Ficção, comunicação e mídias**. São Paulo: SENAC, 2002. (Série Ponto Futuro; 12). Pág. 53 – 73.

COSTA, Cristina. **I Era midiática – a ficção audiovisual**. In: _____. **Ficção, comunicação e mídias**. São Paulo: SENAC, 2002. (Série Ponto Futuro; 12). Pág. 75 - 102.

DUARTE, Rosália. **Panorama mundial dos estudos em educação e comunicação**. *Educação e Cultura Contemporânea: Revista de programa de pós – graduação em educação da Universidade Estácio de Sá*, Rio de Janeiro, v. 4, n.7, pág. 12 – 27, jan./ jun. 2007.

ECO, Humberto. **Apocalípticos e Integrados**. 1º ed. São Paulo: Perspectiva S.A, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FISCHER, Rosa Bueno. **Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 43-58, jan./abr. 2005

FRANÇA, Vera Veiga. **O Objeto da Comunicação/ Comunicação Como Objeto**. In: MARTINO, Luiz C.; HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs). **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 18ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1962, Col. Debates.

MARCONDES, Danilo. **A Crise de paradigmas e o surgimento da modernidade**. In: BRANDÃO, Caio (Org.). **A Crise de paradigmas e a educação**. 2ª Ed., São Paulo: Ed. Cortez, 1995.

MARTIN – BARBERO, J. (1987). **De los medios a las mediaciones**. Gustavo Pili, México.

MARTINO, Luiz C. **De Qual Comunicação Estamos Falando?** In: MARTINO, Luiz C.; HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs). **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2001

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. 19. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos; 74).

MATSUURA, Koyshiro. _____ **Folha de São Paulo**. Rio de Janeiro, 13 novembro 2005. Caderno Opinião.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **História das Teorias da Comunicação**. 4. Ed. São Paulo: Loyola, 2001.

MORIN, Edgar. **A religião dos saberes. O desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. (Orgs). **Currículo, Cultura e Sociedade**; Tradução de Baptista, Maria Aparecida – 6ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Katiúscia Roberta de. **O desenho no desenvolvimento da criança: uma reflexão**. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004 .

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da Comunicação: O pensamento e a prática da Comunicação Social**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

QUÉAU, Philippe. **Cibercultura e info – ética** in Morin, Edgar. **A religião dos saberes: O desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo – globalização e meio técnico – científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHNITMAN, D.(org.) **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GLOSSÁRIO

ARCABOUÇO – Armação de uma estrutura

AURA – Brilho; luz

CONTEMPORANEIDADE – Que pertence à mesma época em que se vive

DIFUSORA – Distribuidora

EMANCIPAÇÃO - Independência

EMPÍRICA – Experimental

FETICHE – Objeto a que se atribui poder sobrenatural

GALGAR - trilhar

MERCANTILIZAÇÃO – Referente ao comércio de mercadorias

MODULAÇÕES – Módulos

PÓS – MODERNIDADE - Era sucessora da Modernidade, marcada pela eficiência, pela maximização dos lucros e pelo desenvolvimento tecnológico.

RETÓRICA – Conjunto de regras para falar com eloquência

SENSO COMUM – Esfera cognitiva primária; conhecimento popular

SISTÊMICA – Relativo a um sistema

ANEXOS

ANEXO A

Questionário

Este projeto faz parte da linha de pesquisa “Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias” desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação- Mestrado- UNIRIO- e é desenvolvido com o apoio da CAPES. Busca investigar como os alunos do curso de Pedagogia se apropriam da Internet e da televisão, bem como se posicionam dentro do fenômeno de publicação da vida privada. Os dados obtidos a partir dele poderão reverter para o aprimoramento de nosso curso de Pedagogia.

Curso Presencial ()

Curso à Distância ()

Polo: _____

Ano que iniciou o Curso: _____

Período do curso que você está: _____

Idade: _____

Sexo: _____

1- Você: trabalha atualmente?

A - () Sim

B - () Já trabalhou mas não trabalha atualmente

C - () Nunca trabalhou

2 - Você utilizava o COMPUTADOR antes de iniciar o curso de Pedagogia?

A - () Sim

B - () Não

3 - Que tipo (s) de uso você fazia do COMPUTADOR antes de iniciar o curso de pedagogia?

A - () trabalhos escolares

B - () trabalho profissional

C - () divertimento

D - () comunicação por email / “ messenger” / orkut/ blogs

E - () busca de informação pela internet

F - () outras atividades Quais? _____

4 - Você acessava a INTERNET antes de iniciar o curso de Pedagogia?

A() Sim

B() Não

5 - Você aprendeu a utilizar a INTERNET :

- A - () aprendi com parentes e amigos
- B - () aprendi no trabalho
- C - () aprendi em curso especializado
- D - () aprendi na escola
- E - () aprendi na Universidade
- F - () aprendi sozinho
- G - () não aprendi, não sei acessar

6 -Você teve dificuldade em aprender a usar a INTERNET?

- A - () Não
 - B - () Sim, algumas dificuldades
 - B - () Sim . Muitas dificuldades
 - C - () não estou conseguindo superar as dificuldades
 - D - () Não aprendi
- Qual a maior dificuldade? _____

7 - Você considera que seus primeiros contatos com a INTERNET foram:

- A - () prazerosos
- B - () irritantes
- C - () indiferente
- D - () um desafio necessário
- E - () um desafio estimulante
- F - () Outros. Quais? _____

8 - Indique onde você ACESSAVA a INTERNET:

- A - () Em casa
- B - () No trabalho
- C - () Na escola/curso
- D - () Na Lan House
- E - () Na casa de amigos
- F - () Outros locais não mencionados. Quais? _____

9 -Qual o número aproximado de horas você ACESSAVA A INTERNET por semana, antes de iniciar o curso de pedagogia?

- A - () menos de 1 hora p/ semana
- B - () entre 2 e 4 horas p/ semana
- C - () entre 5 e 7 horas p/ semana
- D - () entre 8 e 10 horas p/ semana
- E - () mais de 10 horas p/ semana

10 - Indique com que finalidade você ACESSAVA A INTERNET ANTES de iniciar o curso de pedagogia:

- A - () Entretenimento
- B - () Trabalhos escolares
- C - () Trabalhos profissionais
- D - () Comunicação

- E - () Informações e notícias
- F - () Pesquisa
- G - () Operações bancárias
- H - () Compras eletrônicas
- I - () Outras finalidades. Quais? _____

11 - Você utiliza a internet ATUALMENTE?

- A - () Sim
- B - () Não

12 - Indique onde você acessa a INTERNET ATUALMENTE:

- A - () Em casa
- B - () No trabalho
- C - () Na Unirio/curso
- D - () Na Lan House
- E - () Na casa de amigos
- F - () Outros locais não mencionados. Quais? _____

13 - Que tipo de acesso à internet você utiliza ATUALMENTE?

- A - () discado- convencional
- B - () acesso rápido/ banda larga
- C - () rádio
- D - () não sei informar

14 - ATUALMENTE qual o número aproximado de horas você passa na internet por semana?

- A - () menos de 1 hora p/ semana
- B - () entre 2 e 4 horas p/ semana
- C - () entre 5 e 7 horas p/ semana
- D - () entre 8 horas e 10 horas p/ semana
- E - () mais de 10 horas semanais

15 - Indique com que finalidade você ACESSA A INTERNET ATUALMENTE:

- A - () Entretenimento
- B - () Trabalhos escolares
- C - () Trabalhos profissionais
- D - () Comunicação
- E - () Informações e notícias
- F - () Pesquisa
- G - () Operações bancárias
- H - () Compras eletrônicas
- I - () Outras finalidades. Quais? _____

16 - Como você classifica o seu conhecimento/domínio da INTERNET ATUALMENTE?

- A - () Ruim
- B - () Regular
- C - () Bom
- D - () Muito bom
- E - () Outros. Quais? _____

17 - Você faz com frequência comunicação pela internet?

- A - () sim principalmente em função do curso
- B - () sim principalmente para uso privado
- C - () sim principalmente no trabalho(profissional)
- D - () Não faço comunicação pela internet

18 - O uso da internet modificou sua forma de escrever?

A - () Não

B - () Sim

O que mudou? _____

19 – Que tipo (s) de sites você costuma acessar?

A – () Sites de relacionamento

B – () Sites de jogos

C – () Sites de pesquisa

D – () Sites de informações e notícias

E – () Sites de empresas ou de comércio via internet

F – () Sites de oportunidades de emprego ou estágio

G – () Sites de músicas

H – () Sites de divulgação de eventos

I - () Outros. Quais? _____

20 - Você considera a internet (Marque apenas uma opção):

A – () Um ótimo passatempo

B – () A melhor forma de integração social

C – () Uma ótima fonte de pesquisa e informação

D - () Uma tecnologia de massificação

E – () Uma forma de “Solidão Coletiva”

F – () Outra opção. Qual?

21 – Você é cadastrado (a) no Orkut, Blog, MSN ou em algum outro programa de relacionamento?

A – () Sim

B – () Não

C – () Não sei o que é isso

22 – Do que você mais gosta, especificamente, no Orkut?

A – () O fato de reunir contatos e ter vários amigos

B – () O fato de poder ter a minha vida publicada na internet

C – () Das comunidades

D – () Dos recados abertos

E – () Dos recados reservados

F – () Do álbum

G - () Não tenho Orkut

I – () Não gosto do Orkut

J – () outros. Quais? _____

23 – Do que você não gosta no Orkut?

A – () O fato de reunir contatos e ter vários amigos

B – () O fato de poder ter a minha vida publicada na internet

C – () Das comunidades

D – () Dos recados abertos

- E - () Dos recados reservados
- F - () Do álbum
- G - () Não tenho Orkut
- I - () Não gosto do Orkut
- J - () outros. Quais? _____

24 – Você mantém os recados abertos e as comunidades no Orkut?

- A - () Sim
- B - () Não, apaguei os recados e/ou as comunidades do Orkut
- C - () Não tenho Orkut.

25 – Você “espiona” o Orkut e/ou o Blog de outras pessoas?

- A - () Sim
- B - () Não

26 – Você conhece alguém que foi prejudicado (a) pelo Orkut ou pelo Blog?

- A - () Sim
- B - () Não

Qual foi o tipo de dano? (resposta opcional)

27 -Qual a sua principal fonte de estudos?

- A - () internet
- B - () livros
- C - () apostilas, apontamentos
- D - () xerox (apostilas, apontamentos e livros)

28 – Qual a sua principal fonte de pesquisa?

- A - () internet
- B - () livros
- C - () apostilas, apontamentos
- D - () xerox (apostilas, apontamentos e livros)

Questionário

Este projeto faz parte da linha de pesquisa “Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias” e busca investigar como os alunos do curso de Pedagogia se apropriam da Internet e da televisão, bem como se posicionam dentro do fenômeno de publicação da vida privada. Os dados obtidos a partir dele poderão reverter para o aprimoramento de nosso curso de Pedagogia.

Período do curso que você está: _____
Idade: _____ Sexo: _____

1- Você: trabalha atualmente?

- A - () Sim
- B - () Já trabalhou mas não trabalha atualmente
- C - () Nunca trabalhou

2 – Quantas pessoas moram em sua casa?

- A – () Uma
- B – () Duas
- C – () Três
- D – () Quatro
- E – () Cinco ou mais

3 – Quantas televisões há em sua casa?

- A – () Nenhuma
- B – () Uma
- C – () Duas
- D – () Três ou mais

4 – Possui TV a cabo?

- A – () Sim
- B – () Não

5 – Possui TV digital?

- A – () Sim
- B – () Não

6 – Como é a relação entre os moradores e a televisão?

- A – () Geralmente assistem TV reunidos e conversam sobre o conteúdo do programa
- B – () Geralmente assistem TV reunidos, mas todos calados durante o programa

- C – () Geralmente assistem à mesma programação em cômodos diferentes
D – () Geralmente assistem programações diferentes em cômodos diferentes
E – () Outro _____

7 – Costumam almoçar e/ou jantar assistindo TV?

- A – () Sim
B – () Não
C – () Às vezes

8 – Costumam discutir por canais de televisão?

- A – () Não
B – () Às vezes
C – () Sim

9– Você, especificamente, assiste televisão?

- A – () Não gosto e não assisto
B - () Não gosto, mas assisto
C – () Gosto, mas não assisto
D – () Gosto e assisto

10 – Qual o impacto da Internet na sua relação com a TV?

- A – () Nenhum
B – () Substituí a TV pela Internet
C – () Passei a ser usuário das duas mídias
D – () Outra _____

11 – Você assiste a programações em canais abertos e/ou fechados?

- A – () Não assisto
B- () Canais abertos
C – () Canais fechados
D – () Canais abertos e fechados

12 – Que tipo (s) de programa (s) você prefere? Favor explicitar ordem de preferência, de 1 a 8.

- A – () Documentários
B – () Programas de Entrevistas
C – () Novelas
D – () Filmes
E – () Programas de Auditório
F – () Telejornais
G – () Desenhos
F – () Programas de Fofocas
G – () Programas que sobre casos da vida de seus participantes
H – () Realitys Shows
I - () Outros _____

13 – Você assiste aos mesmos gêneros televisivos que via antes de ingressar no curso de pedagogia?

- A – () Sim
B – () Não

C – O que mudou? _____

14 - ATUALMENTE qual o número aproximado de horas que você passa em frente à TV por semana?

- A - () menos de 1 hora p/ semana
- B - () entre 2 e 4 horas p/ semana
- C - () entre 5 e 7 horas p/ semana
- D - () entre 8 horas e 10 horas p/ semana
- E - () mais de 10 horas semanais

15 - Você considera a televisão (Marque apenas uma opção):

- A - () Um ótimo passatempo
- B - () A melhor forma de integração social
- C - () Uma ótima fonte de informação
- D - () Uma tecnologia de massificação
- E - () Uma forma de “Solidão Coletiva”
- F - () Outra opção. Qual? _____

16 – Você assiste Reality Shows?

- A - () Não gosto e não assisto
- B - () Não gosto, mas assisto
- C - () Gosto, mas não assisto
- D - () Gosto e assisto
- E - () Assistia, mas não assisto mais

17 – Por que você gosta de Reality Shows?

- A - () Não gosto
 - B - () Gosto porque _____
-
-
-
-

18 – Você participaria de um reality show?

- A - () Sim. Por quê? _____
-
-
-
-

- B - () Não. Por quê? _____
-
-
-
-

19 – Você participaria de um programa do tipo que explora “casos da vida real”?

- A - () Sim. Por quê? _____
-

B - () Não. Por quê?

20 – Você considera o conteúdo oferecido pelos canais de televisão aberta:

- A - () De ótima qualidade
- B - () De boa qualidade
- C - () De média qualidade
- D - () De qualidade ruim
- E - () De péssima qualidade

21 – Você considera o conteúdo oferecido pelos canais de televisão à cabo:

- A - () De ótima qualidade
- B - () De boa qualidade
- C - () De média qualidade
- D - () De qualidade ruim
- E - () De péssima qualidade

22 – Você considera o conteúdo oferecido pelos canais de televisão:

- A - () Educativo
- B - () Cultural
- C - () Popular
- D - () Informativo
- E - () Elitista
- F - () Ideológico
- G - () Outros _____

23 – Como você classifica o nível de credibilidade das notícias veiculadas na TV?

- A - () Alta
- B - () Média
- C - () Baixa

Nome: Natália
2º período de Pedagogia da Unirio
Idade: 20 anos

Entrevista

(Haline) – Fale um pouco de você, você trabalha?

(Natália) – Não. Eu trabalhei no ano passado. Daí eu entrei (na Unirio) no meio do ano, no 2º semestre. Eu já trabalhava em um hospital e não deu para conciliar. Eu tinha que sair de lá às 18:00 e como eu iria estar aqui às 17:00? Impossível! Aí eu não consegui mais, pedi demissão em outubro e peguei só o finalzinho do semestre. Nesse agora é que estou me dedicando só à faculdade, graças a Deus.

(Haline) – Você está gostando daqui?

(Natália) – Estou adorando.

(Haline) – Qual a sua relação com o computador antes de você ingressar na Unirio? Você já usava?

(Natália) – Já, sempre usei. Usava mais a internet. Acho que todo mundo hoje em dia faz isso. Você já pega o computador com internet. Sempre usei o computador sim.

(Haline) – Então já tinha internet?

(Natália) – Já.

(Haline) – E onde você acessava o computador?

(Natália) – Na minha casa. Eu tenho computador em casa.

(Haline) – E que tipo de uso você fazia do computador?

(Natália) – Antes era só para fazer trabalhos da escola, só para word e mais nada. Agora não! Agora são coisas mais específicas... hoje qualquer trabalho que a faculdade peça, até por estética mesmo, é feito no computador.

(Haline) – Com quem você aprendeu a usar o computador?

(Natália) – Eu comecei mexendo sozinha, “fuxicando” o computador, mas depois eu entrei num curso de informática, no começo do ano passado e terminei em novembro, até porque eu já sabia que tinha passado para a faculdade e então eu pensei: “Tenho que me aprimorar, senão eu vou ficar para trás”.

(Haline) – Você sentiu dificuldades para aprender?

(Natália) – Não.

(Haline) – Você passava mais ou menos quantas horas na internet e no computador?

(Natália) – Por dia?

(Haline) – Não, durante a semana.

(Natália) – Ah, sei lá... dez horas. Todo dia eu entrava. Todo dia eu tinha alguma coisa para fazer. Mas agora nem tanto porque eu saí da casa da minha mãe, moro com o meu marido e lá não tem computador. Aí eu vou para a casa da minha mãe. Hoje mesmo eu fui para lá checar algumas coisas e voltar.

(Haline) – Você falou que não teve dificuldades para aprender a usar o computador, mas como você classifica o seu domínio?

(Natália) – Básico. Não domino muita coisa não. Eu sou mais de mexer e tal. Até posso saber mais do que imagino, mas eu não me arrisco muito, sabe? A minha irmã “fuxica” tudo, mas o meu é coisinha básica. É entrar em Orkut, msn e só! Acabou! Fico restrita a isso.

(Haline) – E por falar em MSN, Orkut, você acha que a internet mudou a sua forma de escrever?

(Natália) – Não. Eu tomo muito cuidado com isso porque eu vejo muito “vc”, “tc”, “beijos”, “beijokas” e não dá! A minha irmã só escreve assim. Mas eu sempre me políciei porque quando eu comecei mesmo a me interessar por internet, era época de vestibular e eles (os professores) ficam o tempo inteiro falando que tem que se policiar e eu sempre me corriji. Nunca mudou nada não, graças a Deus. Eu acho que mudou um pouco a forma das minhas respostas. São mais curtas porque no computador tem que ser tudo dinâmico. Eu acho que a minha maneira de escrever ficou mais curtinha.

(Haline) – Mas você carregou isso para fora do computador?

(Natália) – Não, só no computador mesmo.

(Haline) – Além do Orkut e do MSN, tem algum outro site que você costuma acessar?

(Natália) – Globo. Com, Uol e JB.

(Haline) – O que você acha da internet?

(Natália) – Acho perigoso.

(Haline) – Por quê?

(Natália) – Porque você tem que se policiar muito. A internet é um mundo à parte, então você tem que saber que vai desligar o computador e saber que vai ter que escrever e falar corretamente. Eu acho que tem que ter muito cuidado, mas é muito bom, né? É uma faca de dois gumes.

(Haline) – Especificamente no Orkut, de que você mais gosta?

(Natália) – Fofocar! O Orkut é para você poder saber da vida dos outros, agora não, não sei se você já sabe...

(Haline) – Sei da novidade – risos. E o que você achou da novidade? Risos.

(Natália) – Horrível! Risos. Vai ter que ter outro programa.

(Haline) – Mas pode desativar...

(Natália) – Ah, pode?

(Haline) – Pode.

(Natália) – Mas eu tenho que desativar o meu. Aí a outra pessoa vai saber, não é?

(Haline) – Não, é assim...(pausa) Você vai lá nas suas configurações e desativa o seu. Daí a pessoa não vai ver quando você for entrar no Orkut dela, mas você também não vê quando as outras pessoas entram no seu. Mas você, sabendo disso, vai desativar ou não?

(Natália) – Vou, claro!! Não me importo não! Pode “fuxicar”! Quero saber da vida dos outros, sem que saibam. Agora é muito ruim, muito ruim.

(Haline) – E do que você não gosta no Orkut?

(Natália) – Da nova configuração. Da novidade...risos

(Haline) – Mais alguma coisa que você não goste ou goste? Fala um pouquinho do Orkut?

(Natália) – Assim, o que eu gosto é saber da vida dos outros, essas coisas de curiosidade mesmo. O Orkut não é tão parado como o MSN. E o que eu não gosto é que tem o site está uma coisa muito bruta, sabe? Coisa de mulher. Letrinha colorida, não sei o que. É complicado!

(Haline) – Você apaga os seus recados? Você tem comunidades?

(Natália) – Nunca apaguei. Eu vejo muita gente, a minha irmã, apaga mesmo na cara de pau (risos) e ainda fala que apagou, mas eu nunca apaguei não.

(Haline) – Você mente nas comunidades?

(Natália) – Não, só boto o que eu gosto, só as coisas que me interessam. Eu tenho poucas comunidades. Tem gente que tem quatrocentas. Eu tenho até poucas.

(Haline) – Você conhece alguém que tenha sido prejudicado pelo Orkut?

(Natália) – Conheço, um amigo meu. É até da Pedagogia mesmo. Um casal de namorados. Eles combinaram deles, os dois, não terem mais. Olha, eles brigavam o dia inteiro pelo Orkut, né, porque o Orkut é um inferno. Aí conheço muita gente que deixou de ter, que apaga recado, que esconde que tem da namorada, que bota outro nome... é uma máfia isso!! Uma máfia!!

(Haline) – Agora mudando um pouco de assunto, da internet passando para a televisão, você gosta de assistir televisão?

(Natália) – Não gosto. Assim...já assisti muito, mas não sei porquê, eu vejo que as coisas não mudam. Aquela esperança de a novela mudar, de não sei o quê mudar, do jornal mudar... não... tudo do mesmo formato. Não gosto!

(Haline) – A sua televisão tem canais abertos e fechados?

(Natália) – Canais abertos.

(Haline) – Vou te falar mais ou menos uma ordem agora, vou fazer uma pergunta meio restrita. Você vai falar um pouco sobre a sua opinião sobre esses tipos de programações. Você gosta de documentário?

(Natália) – Adoro.

(Haline) – Programas de entrevistas?

(Natália) – Não. De documentário eu gosto, de entrevista não.

(Haline) – Novela?

(Natália) – Não. Não tenho paciência.

(Haline) – Filme?

(Natália) – Adoro.

(Haline) – Programas de auditório?

(Natália) – Mais ou menos. Não muito. Gosto de ver de vez em quando, quando não tem nada para fazer. Mas entre um documentário e um programa de auditório, o documentário, lógico.

(Haline) – Jornal?

(Natália) – Gosto.

(Haline) – Desenho?

(Natália) – Não.

(Haline) – Programa de fofocas?

(Natália) – Gosto.

(Haline) – Programas esportivos?

(Natália) – Não, não me interessa por esportes.

(Haline) – Programas que falam sobre casos da vida real, tipo Márcia Goldschimmit...

(Natália) – Gosto. Acho engraçado. Não assisto por gostar, é mais por fofoca. Acho que, para mim, é meio que muita mentirada, mas...

(Haline) – Big Brother, reality shows?

(Natália) – Ih, viciada. Fofoca!!

(Haline) – Você participaria?

(Natália) – Claro, evidente!!

(Haline) – E desses programas de casos de família? Você iria lá falar sobre um problema seu?

(Natália) – Não, acho que não. Isso não. Mas acho que um Big Brother, a casa dos artistas, essas coisas assim eu participaria na boa, sem problemas.

(Haline) – Mas porque você participaria?

(Natália) – Ué, acho que é... não sei... acho que é mais por vaidade mesmo. Saber que...ah, eu passei na seleção e você não e tal. Mais por isso. Não por ... ai, é um projeto de vida. Porque tem muita gente que está lá dentro porque sempre sonhou, entendeu? Eu não. É mais por uma vontade mesmo.

(Haline) – O que você acha do conteúdo oferecido pela televisão?

(Natália) – Eu acho que, além de ser pouco, é restrito para as pessoas que... a linguagem não é fácil. Acho que não é qualquer pessoa que pode sentar e assistir a um Jornal Nacional, entendeu? Tem muita coisa que ninguém sabe... o que é déficit, superávit, não sei o que, entendeu? Eles não falam de maneira fácil e, também é muito monopolizada aquela situação... todos os fatos da mesma forma. Eles mostram o que eles querem que seja visto.

(Haline) – Qual o nível de credibilidade que você dá para um telejornal?

(Natália) – Não sei. Não faço idéia. Acho que, sem brincadeira, na minha concepção não tem credibilidade quase nenhuma porque é isso que eu falei. É a mesma

coisa. Você sabe que você vai ver no quatro, no três, no onze, no seis tudo a mesma coisa. É o que eles querem mostrar. É ideológico mesmo.

(Haline) – Você já se pegou fazendo alguma coisa que um personagem de novela fez ou usando alguma roupa do estilo que ele usa?

(Natália) – Não, não. Eu nem entendo essas coisas, eu acho até engraçado porque as minhas amigas vão conversando... ah, porque não sei quem está usando não sei o que. Teve aquela época em que todo mundo coçava o cabelo igual a *Babalu* da novela, lembra? Quando a gente era pequena...

(Haline) – Eu lembro...

(Natália) – Gente, eu lembro que a minha irmã ficava e coçava e andava e eu falava... gente, como é que pode? Eu não tenho saco para esse tipo de coisa. Não gosto.

(Haline) – Como você vê a questão da estética?

(Natália) – Nada. Não malho, não faço nada. Sou sedentária mesmo.

(Haline) – Eu quero saber exatamente se você segue o padrão estético da mídia...

(Natália) – Não, é bobagem. Um dia é uma que está no topo, outro dia é outra. Não tem como você ficar igual a todas as pessoas, entendeu? Às vezes eu fico parando para pensar... nossa, eu queria quer como a Xuxa... ta, tudo bem... aí, daqui a dois meses a Xuxa não é mais o padrão de beleza que a mídia pede... é a Carla Perez... aí o que você vai fazer? Botar a bunda e tirar o peito! Não tem como. Lógico que tem mulher que você fala: nossa, ela é linda, sabe? Queria ter os olhos dela, a boca de não sei quem... da Aline Moraes... mas não tem como você ser o que eles querem, entendeu? Agora é magra, cabelo preto liso e branquinha... ah, ótimo! Eu tô agora legal! Daqui a pouco é loira e eu falo: ihh... to fora, não tem como!

(Haline) – Muito obrigada pela entrevista. Gostei muito!

(Natália) – Eu também gostei. Foi um prazer!



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação – EE
Departamento de Didática - DID

MONOGRAFIA II

ALUNO(A): Haline Tavares dos Santos (20031351061)

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: “De olho na tela”: um estudo sobre o acesso à televisão e utilização da internet por jovens, alunos do curso de Pedagogia.

ORIENTADOR(A): Profa Dra. Lúcia Lehmann

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: GUARACIA GOUVEIA

Nota: 9,0 (nove)

Considerações:

A estudante apresentou uma boa reflexão teórica, mas considero que precisava desenvolver mais a análise. O conteúdo é satisfatório para uma monografia. Destaco o interesse demonstrado pelo tema e o empenho em realizar trabalho de campo.

DATA: 04 de dezembro de 2007 Assinatura: Guaciana Gouveia

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Lúcia de Mello e Souza Lehmann

Nota: 9,5 (noe e feio)

Considerações:

Tema atual e de relevância para a educação, para a formação de professores e particularmente para a UNIBR.
Trabalho com fundamentação teórica e experiências pertinentes e trabalho de campo. Bom trabalho em se tratando de uma monografia de graduação. Dados e conclusões poderiam ter sido mais trabalhados.

Data: 10/12/2007

Assinatura: L. Lehmann

TERCEIRO AVALIADOR

Professor de Monografia II: Janaina S.S. Menezes

Nota : _____

Considerações:

O trabalho contém os principais elementos de uma monografia.

Data: 12.12.07

Assinatura: Janaina S.S. Menezes

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final
9,0	9,5	10,0	9,5